

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LUCAS EDUARDO DE SOUZA FERREIRA

**Uma análise historiográfica sobre os estudos acadêmicos do livro “A rosa do Povo
(1945)” de Carlos Drummond de Andrade: 2006-2017**

JUIZ DE FORA

2019

LUCAS EDUARDO DE SOUZA FERREIRA

**Uma análise historiográfica sobre os estudos acadêmicos do livro “A rosa do Povo
(1945)” de Carlos Drummond de Andrade: 2006-2017**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) com o objetivo de obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Juiz de Fora

2019

RESUMO:

O presente trabalho de conclusão de curso tem como proposta principal analisar os trabalhos acadêmicos que foram produzidos sobre o livro “A rosa do povo” de Carlos Drummond de Andrade, publicado no ano de 1945. A partir de um olhar historiográfico buscou-se entender como os autores das várias dissertações e teses destacam elementos históricos e sociais que emanam da obra de Drummond, e de que forma esses estudos constituem pontos de convergência e divergência entre si, e ainda, entre a fortuna crítica mais consagrada de Carlos Drummond e Andrade.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; A rosa do povo; resistência; sujeito lírico.

ABSTRACT:

The present work of course conclusion has as main proposal to analyze the academic works that were produced on the book “The rose of the people” by Carlos Drummond de Andrade, published in the year 1945. From a historiographical look we tried to understand how the authors of the various dissertations and theses highlight historical and social elements emanating from Drummond's work, and how these studies constitute points of convergence and divergence among themselves, and also, among Carlos Drummond and Andrade's most established critical fortune.

Key-words: Carlos Drummond de Andrade; A rosa do povo; resistance; lyrical subject.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	6
2. AUTORITARISMO E RESISTÊNCIA LÍRICA	9
2.1 “Lírica e autoritarismo em <i>A rosa do povo</i> de Carlos Drummond de Andrade”	9
2.2 “Desafiando o “caso do vestido”: um poema Drummondiano”	24
2.3 “Rosa aurilavrada: figurações da utopia em <i>A Rosa do Povo</i> ”	27
2.4 “Incerto movimento: a resistência lírica em <i>A rosa do Povo</i> de Carlos Drummond de Andrade”	34
3. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO EIXO NORTEADOR DE ANÁLISE ...	37
3.1 “Fases da poesia de Drummond: a modernidade e a guerra”	37
3.2 “História e Poesia: texto e contexto em <i>A rosa do povo</i> (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade”	40
4. O COMUNISMO, A QUESTÃO SOCIAL E A LUTA DE CLASSES	47
4.1 “Tensões e contradições em Drummond: a poesia social em <i>A rosa do povo</i> ”	47
4.2 “ <i>A rosa do povo</i> e a poética da luta de classes”	49
4.3 “O poeta e a revolução: Drummond e o comunismo internacional (anos 1930-1940)”	52
5. CONCLUSÃO:	59
6. REFERÊNCIAS:	61

1. INTRODUÇÃO:

A rosa do povo é um livro de poesia escrito por Carlos Drummond de Andrade que foi publicado em 1945. Embora o poeta tenha começado a escrevê-lo em 1943, e tenha compartilhado com amigos alguns poemas antes de vir a público, 1945 é o ano de divulgação. Neste mesmo ano findara a ditadura varguista que teve início em 1937, e é também o ano que encerra a Segunda Guerra Mundial, dois temas centrais para a compreensão da historicidade do livro. Composto por 55 poemas, *A rosa do povo* causou grande impacto, devido ao seu caráter social e ao mesmo tempo hermético. Dentro dessa obra existem poemas que vão de um espectro sócio-político, ou socio histórico como é o caso de “Com o russo em Berlim”, ou “Carta a Stalingrado”; a um espectro hermético, metapoético, a exemplo de “Consideração do poema”, “Procura da poesia” ou “Áporo”. Assim sendo, devido à complexidade temático-formal dessa obra, os estudos e análises que foram feitos por críticos literários desde os anos 1940 até os mais recentes trabalhos acadêmicos evidenciam essa problemática, como veremos nessa monografia.

O presente trabalho faz uma análise historiográfica acerca dos trabalhos acadêmicos que foram produzidos com enfoque no livro “A rosa do povo” de Carlos Drummond de Andrade. Para muitos autores que compõem a fortuna crítica do poeta, *A rosa do povo* é o livro que, dentro da obra drummondiana, alcançou a maior expressão social e política. Carlos Drummond de Andrade chegou a ser reconhecido nos anos 1940 como um poeta social, ou seja, como aquele que escrevia sobre as mazelas sociais causadas pelo sistema capitalista, em um âmbito mais generalista, mas também como aquele que denunciava as arbitrariedades e os crimes humanitários advindos do autoritarismo, representado no Brasil pelo Estado Novo.

Escolhemos este recorte, isto é, focar exclusivamente nos estudos que foram centrados na obra de 1945 por não ser possível abranger demais ao considerar outros livros do poeta, tendo em vista a quantidade de trabalhos acadêmicos que foram feitos sobre Carlos Drummond de Andrade. Fizemos com essa monografia um levantamento de nove trabalhos acadêmicos, pois foram todos aqueles que cabiam dentro da nossa proposta investigativa. Cronologicamente, há um primeiro em 2006, e o último em 2017, o que justifica nosso recorte temporal. Alguns

destes fazem relações com outros momentos da poética drummondiana, mas em suma, seus argumentos fundamentais e propostas de pesquisa são fixados em *A rosa do povo*.¹

Houve apenas um trabalho que caberia ser estudado na presente monografia e no entanto não foi. Infelizmente não conseguimos acessá-lo. Seu nome é “FACES e CONTRAFACES DO TEMPO RÓSEO-DRUMMONDIANO: A ROSA DO POVO COMO JARDIM DA CESURA E DA CONCILIAÇÃO”. Escrito por Adilson Vilaça de Freitas. Essa Dissertação de Mestrado foi defendida em 2007, na Universidade Federal do Espírito Santo. Esse trabalho tem com proposta buscar elementos da censura na obra de 1945, e aponta que nesse momento Drummond estava passando para uma nova fase em sua poética, distinta de outrora. Contudo, esperamos que a ausência de tal trabalho não prejudique a compreensão e articulação dos que aqui estão.

Para compreender a complexidade temática e formal de *A rosa do povo* os autores e autoras das sete Dissertações de Mestrado e das duas Teses de Doutorado buscaram em uma bibliografia ampla e em alguns arquivos, cartas e jornais, suas fontes para construir seus respectivos estudos. Uma nota a ser feita é que dos nove trabalhos apenas um foi feito em um Departamento de História, embora todos busquem raízes e explicações históricas para o livro de Drummond. Embora exista uma Dissertação feita na área de História, sua metodologia, investida investigativa é praticamente igual a todas as outras abordagens produzidas em Departamentos de Letras.

Para organizar o nosso texto escolhemos dividi-lo em três capítulos, excetuando a introdução e a conclusão. As divisões dos capítulos são feitas a partir de eixos bastante flexíveis, que de alguma maneira engloba ou perpassa os trabalhos que entrarão em cada capítulo. Dentro de cada capítulo estão as dissertações e teses que dialogam com o tema do capítulo. Os títulos das dissertações e das teses foram usados para nomear os subcapítulos da presente monografia. Desse modo, nós analisamos um trabalho por vez, fazendo os devidos comentários e as devidas aproximações e distanciamentos existentes entre os trabalhos acadêmicos aqui elencados.

Acredita-se que com esse trabalho seja possível identificar em que estado se encontram as discussões em torno não só do livro de 1945, mas também da poética drummondiana em uma perspectiva ampliada nos seus aspectos históricos, sociais e políticos. Ademais, com a presente monografia é possível vislumbrar quais foram os poemas mais enaltecidos dentro de *A rosa do*

¹ Fizemos um levantamento através do banco de teses da capes. Assim obtivemos acesso a diversos trabalhos que foram feitos sobre Carlos Drummond de Andrade. O primeiro deles, que entra na nossa proposta investigativa, que é analisar os estudos acadêmicos feitos sobre *A rosa do povo* é datado de 2006. Já o último foi defendido em 2017. Desse modo escolhemos essas datas para delimitar o escopo de nosso trabalho. Partimos de 2006 por ser o ano de defesa do primeiro trabalho que se encaixa em nosso recorte, e terminamos em 2017 por ser a data de defesa do último.

povo, quais foram os argumentos mobilizados para construir e defender tais perspectivas e em que medida os estudos acadêmicos mais contemporâneos destoam da clássica fortuna crítica de Drummond que se estabeleceu por volta dos anos 1930 e 1940.

2. AUTORITARISMO E RESISTÊNCIA LÍRICA

Neste capítulo quatro trabalhos acadêmicos foram analisados. O primeiro é uma tese de doutorado, e os outros três são dissertações de mestrado. Os quatro estudos embora tenham algumas perspectivas distintas, usem bibliografias e fontes também um pouco distintas compartilham a ideia de que os temas centrais dentro de *A rosa do povo* são, por um lado o autoritarismo, e de outro a resistência que o livro de Drummond fizera a ditadura. Nesse sentido, outros temas que possuem relevância em outros estudos circundam nesse capítulo o autoritarismo e a resistência.

2.1 “Lírica e autoritarismo em *A rosa do povo* de Carlos Drummond de Andrade”²

Este nome intitula o trabalho de Cristiano Augusto da Silva Jutgla, defendido em 2008 em São Paulo, na Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras. Seu estudo tem como proposta maior analisar detidamente quatro poemas que compõem a coletânea de 1945, são eles: “Caso do vestido”, “Morte do leiteiro”, “Idade Madura” e “Morte no Avião”. Sua tese tem a característica de separar alguns poemas específicos para então analisa-los, essa opção esta que também ocorre em outros dois trabalhos – a dissertação “Fases da poesia de Drummond: a modernidade e a guerra”, que trabalha com aqueles poemas que colocam elementos da Segunda Guerra mundial em evidência, como a Batalha de Stalingrado ou a tomada de Berlim pelos Soviéticos; a dissertação “Desafiando o caso do vestido: um poema Drummondiano”, que explora incisivamente este poema, em sua métrica, título, temas, formas, e assim por diante. Esses dois trabalhos serão dissecados no desenrolar dos capítulos subsequentes.

No conjunto, (Caso do vestido, morte do leiteiro, Idade Madura e Morte no Avião) devido à complexidade formal e temática representam, segundo Jutgla, estratégias discursivas de resistência do sujeito lírico frente ao ambiente de modernização conservadora que enlaçava o Brasil nos anos 1930 e 1940. O embasamento teórico-filosófico do trabalho foi buscado na teoria crítica frankfurtiana, sobretudo nas reflexões de Adorno e Benjamin no que se refere às relações entre lírica e autoritarismo, visto que os dois pensadores viveram, escreveram durante

² JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. **Lírica e autoritarismo em a Rosa do Povo de Carlos Drummond de Andrade** (tese de doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

a vigência do nazismo na Alemanha. Segundo Cristiano, ambos países (Brasil estadonovista e Alemanha nazista) promoviam um discurso ufanista de base socialmente homogeneizadora; formavam uma simbiose ideológica da nação, consubstanciada na figura do presidente, ou líder carismático; seus regimes praticavam a cooptação de não partidários do regime; eram centralizados política, econômica e socialmente; controlavam os sindicatos; usavam de forte censura da imprensa e meios de comunicação concomitante ao intenso desenvolvimento do instrumental de propaganda. A aproximação existente entre ambos (Benjamin e Adorno) e Drummond pode ser percebida através de conceitos que os três utilizam, como “choque”, “fragmentação”, “melancolia”, “negatividade”. Cristiano defende de imediato que os quatro poemas fogem completamente a concepção fechada que se tem acerca dos chamados “poemas políticos”, e por isso mesmo ficaram parcialmente esquecidos pela crítica, justamente por não serem facilmente identificados como poesias de resistência, de caráter eminentemente político ou social.

Saindo parcialmente da esfera poética e literária, Cristiano destaca a ambiguidade existente na relação estabelecida entre o Estado autoritário varguista e os intelectuais, com base no estudo de Simon Schwartzman³. Segundo ele, essa relação não pode ser vista de modo uniforme. Vez por outra discordâncias ideológicas aconteciam, mas nesses casos, como sustenta Simon Schwartzman, a amizade tinha uma importância singular, para que a situação não atingisse níveis mais drásticos. Ao contrário de Mário de Andrade, que segundo Cristiano Augusto, era mais intransigente aos intentos públicos, Drummond era mais retraído, discreto, o que, no entanto, não significou se abster de críticas, de dar seu parecer, pela poesia ou diários pessoais. Desse modo, para Jutgla, *A rosa do povo* de Drummond enfrentou nesse momento (anos 40) um ambiente profundamente conservador, que não coadunava com o pensamento hegemônico da intelectualidade brasileira.

Cristiano levanta uma questão sobre a escassez de estudos e discussões sobre essa obra de Drummond até os anos 1980. Para ele isso sugere a permanência ainda das dores das ditaduras, primeiro de Vargas, e depois, a Militar. Não obstante, o autor não desenvolve essa assertiva, que fica como uma suposição. Há, segundo ele nos anos 1930 e 40 diversos estudos sociológicos que tentam explicar a relação entre a intelectualidade e o Estado Novo. Ele diz que esses estudos sempre caíam na interpretação do cooptação, ou na troca de favores. De um lado, teríamos um Estado forte, manipulador, maquiavélico, liderado por um presidente carismático e “populista”. De outro, intelectuais acéfalos, que são genuinamente enfeitados e cooptados

³ Livro “Tempos de Capanema”, que dentre outras questões discute o contexto de a locação dos intelectuais no seio do Estado, como estratégia política varguista para promover uma visão unívoca, nacionalista do país.

pelo presidente, ou pelo ditador. A mesma relação pode ser observada nos estudos que relacionavam classe trabalhadora com os sindicatos que estavam atrelados as engrenagens do Estado, no mesmo esquema de subjugação, de total ausência de autonomia e liberdade de pensamento por parte dos trabalhadores, que consumidos pela propaganda seguiam os ditames de seu líder. O conceito de “Populismo” que era a categoria de explicação primacial, tornara-se problemático, pelo menos dos anos 1980 em diante, dentro da historiografia. Um destaque grande deve ser feito às discussões provocadas pela professora Ângela de Castro Gomes⁴, que começou a usar o conceito de “Trabalhismo” para entender a relação complexa que se estabeleceu entre classe trabalhadora e o Estado autoritário no final dos anos 1930 e na primeira metade dos anos 1940.

Em uma ditadura, que não existe sem censura, as possibilidades de se escrever críticas ao regime era deveras muito complicada. Cristiano cita o exemplo do poema “Medo” que usa uma série de metáforas sobre o corpo, a neve, a chuva o frio para se referir a Repressão sofrida por estudantes em São Paulo em 9 de novembro de 1943 dedicado a Antonio Candido.

O trabalho de Cristiano é interessante justamente por fazer boas relações com situações históricas concretas, o que não ocorre em outros estudos. Ele usa o argumento de Maria Helena Capelato do livro “Estado Novo: novas histórias” para sustentar que o perfil ideológico dos intelectuais que transitavam na esfera do Estado era variado, composto por comunistas, ou simpatizantes, até a extrema direita, com fascistas ou integralistas. Monica Pimenta Velloso argumenta que em torno de Capanema e do Ministério da Educação estavam os intelectuais modernistas, como Carlos Drummond, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Mário de Andrade. Já em torno de Lourival Fontes, estava Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho, todos com tendências ideológicas mais centralistas e autoritárias.⁵

No primeiro capítulo, o autor compara os escritos de Benjamin e Adorno com livro de Drummond, a proposta é levantar recursos discursivos utilizados pelos dois filósofos em suas análises sobre a lírica moderna. Destarte, chega à concepção de que “o texto crítico só consegue se aproximar de fato do poema moderno caso ele próprio se constitua de maneira tensa, tal como seu objeto”.⁶ Nesse sentido a poesia moderna, defende Cristiano, é indissociável de seu contexto de produção. Os dois grandes escritores citados como exemplo, que representam a

⁴ Análise feita no livro “A invenção do trabalhismo” e também no artigo “Reflexões em torno de populismo e trabalhismo”.

⁵ Velloso, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2, p. 149.

⁶ JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. **Lírica e autoritarismo em a Rosa do Povo de Carlos Drummond de Andrade** (tese de doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. P. 29.

defesa desse argumento são Bertolt Brecht e Charles Baudelaire, ambos escritores que expressam esse *ethos* literário da modernidade.

A partir do diálogo com outros dois autores, a saber, Alfredo Bosi (texto “Poesia resistência”)⁷ e Beatriz Sarlo (texto “formas no políticas del autoritarismo”)⁸ – ambos possuem influência direta dos estudos de Adorno e Benjamin – Cristiano Jutgla defende que a literatura é por natureza polissêmica, ou seja, ela permite interpretações variadas. Ela é sempre aberta, caracterizada pela pluralidade, enquanto o autoritarismo é o contrário: anti-polissêmico, antiliterário. O autoritarismo foge da ambiguidade e busca a homogeneidade.

No capítulo seguinte, chamado “A rosa do povo e o problema da história em sua fortuna crítica” Cristiano Augusto defende que o termo “História” esteve sempre presente na linguagem dos críticos do livro de Drummond, que se desenvolveu dos anos 1940 até o final da década de 1980. Entretanto, seu emprego se deu de modo genérico, generalizante, sem definições terminológicas precisas. Nesse capítulo o autor busca na fortuna crítica de Drummond o uso do termo história e com quais intenções ele foi empregado. Estabelece um diálogo com críticos consagrados, como Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Sérgio Buarque de Holanda, Mário Faustino, Antonio Candido, Iumna Simon, John Gledson, Afonso Romano de Sant’Anna e Luiz da Costa Lima. Depois aponta para novas análises que surgiram nos meados dos anos 90. Não cabe aqui maiores explicações dessa parte da tese, pois não é o que há de substancial na mesma, e destoa do objetivo analítico desse capítulo da monografia, que é perceber como os trabalhos acadêmicos selecionados fazem a ponte entre autoritarismo e resistência a partir da obra de 1945 de Drummond. Vale ressaltar que a crítica feita por Cristiano é que, para ele, o autoritarismo até o final dos anos 1980 não foi tratado como um tema específico, mas foi diluído no termo “história”.

Para o autor, há no conjunto dos poemas drummondianos de 1945 dois grandes movimentos do sujeito lírico: o primeiro é a tentativa de dialogar com temas de seu tempo – sejam aspectos da Segunda Guerra Mundial, ou do Nazismo e Fascismos. O outro é aquele onde o poeta cria metáforas, anáforas, metonímias, e tantas outras figuras de linguagem, recursos linguísticos para tecer seu diagnóstico poético. Cristiano problematiza uma interpretação recorrente dentro da fortuna crítica de Drummond, segundo a qual haveria etapas em sua obra, e que essa em específico (de 1940 a 1945), seria sua fase social. Isso nos levaria a pensar que todos os poemas dessa coletânea seriam eminentemente políticos, ou engajados. Partido dessa

⁷ BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo. Cultrix, 1983.

⁸ SARLO, Beatriz. **Formas no políticas del autoritarismo**. Bueno Aires: Goethe Institut, 1991. Apud. JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. Op. Cit.

percepção limítrofe, Jutgla questiona qual seria o lugar para poemas como “Caso do Vestido”, “Áporo”, ou “Morte do Leiteiro”. A partir dessa defesa o autor analisa mais detidamente os quatro poemas escolhidos.⁹ Primeiramente, “Caso do vestido”:

CASO DO VESTIDO¹⁰

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, digei depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.
Em vão o pai implorou.

⁹ Cabe esclarecer que não pretendemos analisar os poemas no presente trabalho, cabendo por vezes, alguns comentários. Nossa proposta é, em suma, observar como os autores das teses e dissertações relacionam os poemas com o fenômeno do autoritarismo, com a resistência, com o comunismo, com a guerra, ou outros elementos. Por isso mesmo, julgamos necessário a transcrição dos poemas analisados, para conhecimento dos leitores.

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p. 160-168.

Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,

me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,

que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai
chega ao pátio. Disfarçemos.

Nossa mãe, não escutamos
pisar de pé no degrau.

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto,

só pra lhe satisfazer,
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei... disse que sim.

Sai pensando na morte,
mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda.
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra,
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes.
Me joguei a suas plantas,

fiz toda sorte de denego,
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.

Recebei esse vestido
e me dai vosso perdão.

Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?

quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?

quede aquela cinturinha
delgada como jeitosa?

quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,
boca não disse pala vra.

Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: — Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca, me acalentava,

me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada.

Nesse poema as limitações rítmica e métrica, junto com as expressões sempre repetitivas entre filhas e a mãe frente ao autoritarismo representado simbolicamente pelo pai concretizam os limites possíveis de enunciação do sujeito lírico. A dificuldade e dor da mãe em narrar aquilo que lhe acometera também pode ser entendido da mesma maneira. Do ponto de vista léxico, o poema é marcado por uma base semântica tradicional e conservadora, cujo melhor exemplo é o tratamento cerimonioso entre personagens por meio do pronome pessoal “Vós”. Esses e outros aspectos dão ao poema um tom linguístico arcaico, de ritmo fechado, pausado e controlado, defende Cristiano. Apesar do silenciamento do discurso da mãe, sua coragem em expor suas feridas, segundo o autor, anseia transformações futuras e, de certa maneira, abre rasgos nas práticas autoritárias, pois alerta às suas filhas para resistirem tanto a repressão masculina e patriarcal, como em âmbito maior, da sociedade. Embora Cristiano disseque variados aspectos da poesia, explore bem os personagens, a relação com o autoritarismo fica detida estritamente ao âmbito familiar, faltando, portanto, articula-lo com o contexto social e político maior.

MORTE DO LEITEIRO¹¹

A Cyro Novaes

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p. 168-169.

de humana compreensão.
 E já que tem pressa, o corpo
 30 vai deixando à beira das casas
 uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
 também escondesse gente
 que aspira ao pouco de leite
 disponível em nosso tempo,
 avancemos por esse beco,
 peguemos o corredor,
 depositemos o litro...
 Sem fazer barulho, é claro,
 que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil,
 de passo maneiro e leve,
 antes desliza que marcha.
 É certo que algum rumor
 sempre se faz: passo errado,
 vaso de flor no caminho,
 cão latindo por princípio,
 ou um gato quizilento.
 E há sempre um senhor que acorda,
 resmungando e toma a dormir.

Mas este acordou em pânico
 (ladrões infestam o bairro),
 não quis saber de mais nada.
 O revólver da gaveta
 saltou para sua mão.
 Ladrão? se pega com tiro.
 Os tiros na madrugada
 liquidaram meu leiteiro.
 Se era noivo, se era virgem,
 se era alegre, se era bom,
 não sei,
 é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
 de todo, e foge pra rua.
 Meu Deus, matei um inocente.
 Bala que mata gatuno
 também serve pra furtar
 a vida de nosso irmão.
 Quem quiser que chame médico,
 polícia não bota a mão
 neste filho de meu pai.
 Está salva a propriedade.
 A noite geral prossegue,
 a manhã custa a chegar,
 mas o leiteiro
 estatelado, ao relento,
 perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
 no ladrilho já sereno
 escorre uma coisa espessa
 que é leite, sangue... não sei.
 Por entre objetos confusos,

malredimidos da noite,
 duas cores se procuram,
 suavemente se tocam,
 amorosamente se enlaçam,
 formando um terceiro tom
 a que chamamos aurora.

Na análise desse poema, Cristiano priorizou elementos formadores de uma aguda tensão advinda do estranhamento do sujeito lírico frente à indiferença das práticas sociais diante da injustiça no país, fenômeno banalizado no Brasil contemporâneo. Para ele, o enfoque “cotidiano”, banal, se configura como uma estratégia discursiva usada por Carlos Drummond de Andrade frente ao ambiente autoritário que viva. Outrossim, ele defende haver profunda conexão entre esse caso específico, com questões políticas, sociais e históricas de seu tempo e da atualidade do país. Drummond critica dois valores inalienáveis na sociedade brasileira: a propriedade e a desigualdade social.

Com base no conceito de fetichismo marxista, Cristiano escreve que o leiteiro é comandado pela mercadoria, pelo seu trabalho sem reflexão, de modo que ao longo do poema ele passa da condição de sujeito para a de objeto, ou seja, é reificado. O autoritarismo é representado pela figura do homem que atira no leiteiro, que faz prevalecer a propriedade privada em detrimento do espaço público. O poema simboliza, portanto, a contradição fundamental da dinâmica da exploração capitalista no Brasil.

IDADE MADURA¹²

As lições da infância
 desaprendidas na idade madura.
 Já não quero palavras
 nem delas careço.
 Tenho todos os elementos
 ao alcance do braço. Todas as frutas
 e consentimentos.
 Nenhum desejo débil. Nem mesmo sinto falta
 do que me completa e é quase sempre melancólico.

Estou solto no mundo largo.
 Lúcido cavalo
 com substância de anjo
 circula através de mim.
 Sou varado pela noite, atravesso os lagos frios,
 absorvo epopéia e carne,
 bebo tudo,
 desfaço tudo,
 torno a criar, a esquecer-me:
 durmo agora, recomeço ontem.

De longe vieram chamar-me.
 Havia fogo na mata.

¹² Ibidem, p. 190-192.

Nada pude fazer,
 nem tinha vontade.
 Toda a água que possuía
 irrigava jardins particulares
 de atletas retirados, freiras surdas, funcionários demitidos.
 Nisso vieram os pássaros,
 rubros, sufocados, sem canto,
 e pousaram a esmo.
 Todos se transformaram em pedra.
 Já não sinto piedade.

Antes de mim outros poetas,
 depois de mim outros e outros
 estão cantando a morte e a prisão.
 Moças fatigadas se entregam, soldados se matam
 no centro da cidade vencida.
 Resisto e penso
 numa terra enfim despojada de plantas inúteis,
 num país extraordinário, nu e temo,
 Qualquer coisa de melodioso,
 não obstante mudo,
 além dos desertos onde passam tropas, dos morros
 onde alguém colocou bandeiras com enigmas,
 e resolvo embriagar-me.

Já não dirão que estou resignado
 e perdi os melhores dias.
 Dentro de mim, bem no fundo,
 há reservas colossais de tempo,
 futuro, pós-futuro, pretérito,
 há domingos, regatas, procissões,
 há mitos proletários, condutos subterrâneos,
 janelas em febre, massas de água salgada, meditação e sarcasmo.

Ninguém me fará calar, gritarei sempre
 que se abafe um prazer, apontarei os desanimados,
 negociarei em voz baixa com os conspiradores,
 transmitirei recados que não se ousa dar nem receber,
 serei, no circo, o palhaço,
 serei médico, faca de pão, remédio, toalha,
 serei bonde, barco, loja de calçados, igreja, enxovia,
 serei as coisas mais ordinárias e humanas, e também as excepcionais:
 tudo depende da hora
 e de certa inclinação feérica,
 viva em mim qual um inseto.

Idade madura em olhos, receitas e pés, ela me invade
 com sua maré de ciências finais superadas.
 Posso desprezar ou querer os institutos, as lendas,
 descobri na pele certos sinais que aos vinte anos não via.
 Eles dizem o caminho,
 embora também se acovardem
 em face a tanta claridade roubada ao tempo.
 Mas eu sigo, cada vez menos solitário,
 em ruas extremamente dispersas,
 transito no canto do homem ou da máquina que roda,
 aborreço-me de tanta riqueza, jogo-a toda por um número de casa,
 e ganho.

Poema abordado pelo viés do tempo, rompe com o horizonte de expectativa de sua época. A discrepância entre a voz lírica e os quadros otimistas do tempo advindos do discurso oficial, indica versos com alto grau de consciência sobre as pendências agudas dos embates sociais no país. Esse poema, como os outros citados, exemplifica a complexidade existente nos embates entre o autoritarismo e o olhar crítico de um sujeito lírico resistente. Novamente, Cristiano faz uma análise acurada, minuciosa de toda a poesia. O que cabe mencionar é que o sujeito lírico ao negar o tempo positivista, que pressupõe evolução constante e linear, assume o presente como possibilidade de luta e imagina no futuro um projeto utópico, argumenta Cristiano. O sujeito lírico se constitui em “Idade Madura” por uma cisão: de um lado a estagnação, apatia, de outro a resistência.

MORTE NO AVIÃO¹³

Acordo para a morte.
 Barbeio-me, visto-me, calço-me.
 É meu último dia: um dia cortado de nenhum pressentimento.
 Tudo funciona como sempre.
 Saio para a rua. Vou morrer.

Não morrerei agora. Um dia
 inteiro se desata à minha frente.
 Um dia como é longo. Quantos passos
 na rua, que atravesso. E quantas coisas
 no tempo, acumuladas. Sem reparar,
 sigo meu caminho. Muitas faces
 comprimem-se no caderno de notas.

Visito o banco. Para que
 esse dinheiro azul se algumas horas mais,
 vem a polícia retirá-lo
 do que foi meu peito e está aberto?
 Mas não me vejo cortado e ensanguentado.
 Estou limpo, claro, nítido, estival.
 Não obstante caminho para a morte.

Passo nos escritórios. Nos espelhos,
 nas mãos que apertam, nos olhos míopes, nas bocas
 que sorriem ou simplesmente falam eu desfilo.
 Não me despeço, de nada sei, não temo:
 a morte dissimula
 seu bafo e sua tática.

Almoço. Para quê? Almoço um peixe em ouro e creme.
 É meu último peixe em meu último
 garfo. A boca distingue, escolhe, julga,
 absorve. Passa música no doce, um arrepio
 de violino ou vento, não sei. Não é a morte.
 É o sol. Os bondes cheios. O trabalho.
 Estou na cidade grande e sou um homem
 na engrenagem. Tenho pressa. Vou morrer.

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012. p, 94-98.

Peço passagem aos lentos. Não olho os cafés
 que retinem xícaras e anedotas,
 como não olho o muro do velho hospital em sombra.
 Nem os cartazes. Tenho pressa. Compro um jornal. É pressa,
 embora vá morrer.

O dia na sua metade já rota não me avisa
 que começo também a acabar. Estou cansado.
 Queria dormir, mas os preparativos. O telefone.
 A fatura. A carta. Faço mil coisas
 que criarão outras mil, aqui, além, nos Estados Unidos.
 Comprometo-me ao extremo, combino encontros
 a que nunca irei, pronuncio palavras vãs,
 minto dizendo: até amanhã. Pois não haverá.

Declino com a tarde, minha cabeça dói, defendo-me,
 a mão estende um comprimido: a água
 afoga a menos que dor, a mosca,
 o zumbido... Disso não morrerei: a morte engana,
 como um jogador de futebol a morte engana,
 como os caixeiros escolhe
 meticulosa, entre doenças e desastres.

Ainda não é a morte, é a sombra
 sobre edifícios fatigados, pausa
 entre duas corridas. Desfalece o comércio de atacado,
 vão repousar os engenheiros, os funcionários, os pedreiros.
 Mas continuam vigilantes os motoristas, os *garçons*,
 mil outras profissões noturnas. A cidade
 muda de mão, num golpe.

Volto à casa. De novo me limpo.
 Que os cabelos se apresentem ordenados
 e as unhas não lembrem a antiga criança rebelde.
 A roupa sem pó. A mala sintética.
 Fecho meu quarto. Fecho minha vida.
 O elevador me fecha. Estou sereno.

Pela última vez miro a cidade.
 Ainda posso desistir, adiar a morte,
 não tomar esse carro. Não seguir para.
 Posso voltar, dizer: amigos,
 esqueci um papel, não há viagem,
 ir ao cassino, ler um livro.

Mas tomo o carro. Indico o lugar
 onde algo espera. O campo. Refletores.
 Passo entre mármore, vidro, aço cromado.
 Subo uma escada. Curvo-me. Penetro
 no interior da morte.

A morte dispôs poltronas para o conforto
 da espera. Aqui se encontram
 os que vão morrer e não sabem.
 Jomais, café, chicletes, algodão para o ouvido,
 pequenos serviços cercam de delicadeza
 nossos corpos amarrados.
 Vamos morrer, já não é apenas
 meu fim particular e limitado,
 somos vinte a ser destruídos,

morreremos vinte,
vinte nos espatifaremos, é agora.

Ou quase. Primeiro a morte particular,
restrita, silenciosa, do indivíduo.
Morro secretamente e sem dor,
para viver apenas como pedaço de vinte,
e me incorporo todos os pedaços
dos que igualmente vão perecendo calados.
Somos um em vinte, ramallete
de sopros robustos prestes a desfazer-se.

E pairamos,
frigidamente pairamos sobre os negócios
e os amores da região. Ruas de brinquedo se desmancham,
luzes se abafam; apenas
colchão de nuvens, morros se dissolvem,
apenas
um tubo de frio roça meus ouvidos,
um tubo que se obtura: e dentro
da caixa iluminada e tépida vivemos
em conforto e solidão e calma e nada.

Vivo
meu instante final e é como
se vivesse há muitos anos
antes e depois de hoje,
uma contínua vida irrefreável,
onde não houvesse pausas, sínopes, sonos,
tão macia na noite é esta máquina e tão facilmente ela corta
blocos cada vez maiores de ar.

Sou vinte na máquina
que suavemente respira,
entre placas estelares e remotos sopros de terra,
sinto-me natural a milhares de metros de altura,
nem ave nem mito,
guardo consciência de meus poderes,
e sem mistificação eu voo,
sou um corpo voante e conservo bolsos, relógios, unhas,
ligado à terra pela memória e pelo costume dos músculos,
carne em breve explodindo.

Ó brancura, serenidade sob a violência
da morte sem aviso prévio,
cautelosa, não obstante irreprimível aproximação de um
[perigo atmosférico,
golpe vibrado no ar, lâmina de vento
no pescoço, raio
choque estrondo fulguração
rolamos pulverizados
caio verticalmente e me transformo em notícia.

Segundo Cristiano Jutgla esse poema constitui uma aguda reflexão do sujeito lírico sobre sua condição fragmentária frente à vida homogeneizada do Estado Novo, e de um modo geral, aos impasses do processo capitalista no Brasil, embora não desenvolva o que seria esse processo capitalista. Esse poema conta a história de um homem comum na cidade, que pegará

um avião ao fim da tarde e sabe que irá morrer naquele dia. É composto por dezesseis estrofes sem metrificacão ou rima. A resistênciã nos presentes versos se dá, segundo Cristiano, pela anestesia. Não há medo diante da morte. Morrer nada significa diante da vida danificada. Em tons conclusivos o autor diz que os quatro poemas apresentam fraturas e danos causados pelo autoritarismo à vida social do país. São versos que tentam resistir à barbãrie do processo contraditório entre modernidade do capital e controle social.

2.2 “Desfiando o “caso do vestido”: um poema Drummondiano”¹⁴

O trabalho foi defendido por João Pedro Fagerlande em 2011 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura brasileira). O estudo apresenta e discute os recursos poéticos empregados na construção do poema de modo a evidenciar o vigor artístico de sua estruturação. Seu objetivo é analisar os procedimentos empregados por Carlos Drummond de Andrade para configurar o arranjo poético de “Caso do vestido”. Para isso, João Pedro faz uma leitura do texto em várias camadas, passando pelo título, pela forma e pela métrica. Ele conforma a uma análise passo a passo, para enfim concluir com a contextualização do poema dentro da obra drummondiana. Escolhemos colocar essa dissertação nesse subcapítulo da monografia para comparar com mais proximidade a leitura que Fagerlande faz do poema *Caso do vestido* (CDV) com aquela feita por Cristiano Jutgla.

Antes de mais nada, João Pedro defende que o caráter político-social não abarca todos os poemas da obra, que incidem em diversos assuntos, como a metapoesia¹⁵, a família, a memória, dentre outros. Cristiano embora não desconsidere essa asserção, é bastante crítico a essa visão separatista, que enquadra a poética drummondiana em fases, ou temas, como já descrevemos em linhas anteriores. Para ele poemas como *Caso do vestido*, *Morte no avião*, embora não evidenciem em uma primeira leitura aspectos sociais e políticos, trazem em seu cerne elementos de crítica histórica e social. Para João Pedro, *CDV* não apresenta uma visão pessimista, nem otimista, mas sobretudo, uma visão crítica e conflitiva, denunciador da opressão sofrida pelas mulheres. Ambos, ao analisarem esse poema, e considera-lo como

¹⁴ FAGERLANDE, João Pedro. **Desfiando o “caso do vestido”**: um poema Drummondiano. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

¹⁵ A metapoesia é o recurso poético no qual o poeta escreve no próprio poema como é o exercício do fazer poético.

relevante para o conjunto da obra, partem de perspectivas semelhantes, isto é, fogem das análises mais tradicionais feitas pela fortuna crítica de Drummond até os anos 1990, que colocavam em evidência maior aqueles poemas eminentemente políticos, tais como: *Com o Russo em Berlim*; *Visão de 1944*; *Carta a Stalingrado*, dentre outros.

Ao analisar o CDV, a começar pelo título, João Pedro destaca a polissemia da palavra “Caso”. Dentre as significações possíveis, ele diz que uma delas poderia ser um caso judicial. Tal sentido é corroborado pelo encaminhamento dramático do texto, em que a atuação das filhas pode ser comparada à de promotoras de justiça interrogando a mãe a partir de um elemento que infringe as leis da casa: o vestido na parede. O poema, nesta acepção, se configuraria como um depoimento da vítima perante o corpo de jurados – os leitores. Seguindo essa linha de raciocínio, o pai seria o réu do caso. Esta é uma das acepções semânticas que o autor propõe, dentre outras. Outrossim, João Paulo afirma que:

“Percebemos, portanto, como Drummond aproveita a polissemia do termo caso, desdobrando-o ao longo do texto. E estas várias significações da mesma palavra não se excluem; pelo contrário, se reforçam umas às outras, tomando o vocábulo mais vigoroso. O fato de não haver no título artigo precedendo-o parece sugerir maior ênfase à palavra, que prescinde de adjuntos adnominais.”¹⁶

O vestido é definido como a síntese do texto, motivo central do poema. Pois, segundo Fagerlande, no vestido cabem o corpo feminino, o desejo masculino, os papéis do homem e da mulher numa sociedade tradicionalista, a traição, o segredo, a confidência, a dor. Outrossim, ele se constitui como um signo repleto de significações, ampliador do âmbito da palavra para muito além de suas previsíveis acepções. Uma delas, considerada a mais interessante pelo autor da dissertação é a do vestido como tecido poético, como texto bordado no processo discursivo da mãe diante das filhas. Conclui, portanto, que a mãe é a personagem responsável por bordar o “Caso do vestido”; isto é, é ela quem costura discursivamente a significação que torna esta vestimenta diferente das demais. É ela a narradora do caso, quem tece o poema. É interessante notar até esse momento que a preocupação social, com a questão do autoritarismo, da resistência lírica, parece escapar a análise de João Pedro, se compararmos com a tese de Cristiano. Essa situação se alarga com as análises subsequentes, que por hora se inicia: a análise métrica de CDV.

¹⁶ Ibidem, p. 22.

Caso do vestido é composto de 150 versos heptassilábicos – redondilha maior¹⁷ – organizados aos pares, totalizando 75 dísticos¹⁸. Há neles uma tendência à acentuação da terceira sílaba de cada verso, aproximando o poema dos esquemas utilizados na literatura de cordel e na cantoria nordestinas, expõe o autor. Fagerlande aposta que a redondilha maior está permeada de pré-significados, e que sua escolha por Drummond não foi aleatória. Segundo João, os temas da noite, do desejo sexual, do pai, da ausência, do sofrimento estão presentes nos poemas heptassilábicos anteriores a “Caso do vestido”, como uma espécie de índices a este texto. No capítulo 4 da dissertação João Pedro Fagerlande analisa passo a passo toda poesia. Destaca o uso repetitivo de algumas palavras, que na obra de Drummond, segundo ele, significa um estado psicológico obsessivo. A repetição da palavra “vestido”, por exemplo, mostra a obsessão das filhas em saber o que significa. No mesmo capítulo, Fagerlande explora os pronomes possessivos, como a palavra “Dona” para descrever a posse do vestido. Sempre com um tom profundamente irônico.

João Pedro enfatiza demasiadamente o caráter regionalista e popular desse poema, que para ele é de um lirismo quase folclórico. Entretanto, o regionalismo em Drummond nunca é ingênuo, mas sempre problemático. Na tentativa de conectar o *Caso do Vestido* com momentos da poesia drummondiana anterior e posterior à *Rosa do povo*, Fagerlande diz que:

“Consideramos, portanto, que CDV revela um diá logo com esses dois momentos da obra drummondiana, com o estilo popular/regional de *Alguma poesia*¹⁹ e com o tom classicizante de *Claro enigma*²⁰, numa sobreposição de diferentes registros discursivos, o que estabelece uma linguagem híbrida.”²¹

Por último, podemos destacar que por João Pedro ter feito uma dissertação específica sobre esse poema, logicamente ele levantou questões bastante diversas, heterogêneas, que Cristiano Augusto não mencionou. Entretanto, a aposta de João Pedro foi justamente evidenciar os recursos poéticos empregados no texto de modo a entender o vigor artístico de sua construção. Por outro lado, Cristiano Augusto Jutgla tentou com sua tese fazer a ponte entre a literatura formal e a sociedade brasileira, que vivia sob a égide do autoritarismo nos anos 1940.

¹⁷ Redondilha é o nome dado a partir do século XVI aos versos de cinco ou sete sílabas. São divididos em dois tipos: a maior, que possui sete sílabas, e a menor, que possui 5 sílabas.

¹⁸ Dísticos são estrofes construídas em dois versos, muito usados em sonetos.

¹⁹ Primeiro livro de poesia publicado por Drummond, em 1930.

²⁰ Livro publicado em 1951, seis anos após a publicação do livro em questão: *A rosa do povo*.

²¹ FAGERLANDE, João Pedro. **Desafiando o “caso do vestido”**: um poema Drummondiano. Dissertação. (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 75-76.

2.3 “Rosa aurilavrada: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*”²²

Neste estudo, escrito com o objetivo de obter o título de Mestre em Letras, Marcelo Freitas Ferreira de Oliveira busca evidenciar a natureza utópica de *A rosa do povo*, explorando algumas tensões que envolvem o sujeito lírico, como a problemática da projeção do sujeito para o espaço público da “rua”, concomitante ao destaque para as relações entre lírica e sociedade, diante das exigências político-sociais da década de 1940. Marcelo pretende demonstrar como esse processo de construção poética acaba por evidenciar também o uso simbólico de operações alquímicas, de modo que se possa compreender a obra como uma espécie de “utopia alquimista”, inserida que está num processo ininterrupto de materialização e desconstrução do canto, a refletir a concepção drummondiana acerca da precariedade do poético.

Marcelo considera que *A Rosa do Povo* aborda diversos temas como: ofício poético na sua intrincada relação com as palavras; as questões sociopolíticas; o passado mineiro de Drummond e as relações do sujeito com o passado familiar, o desejo e o vínculo irrevogável com o corpo. Dentre todos, o que ele chama de elemento utópico se faz como uma crítica radical à realidade e com a construção esperançosa de possibilidades melhores futuras. Ele define:

“Os poemas do livro de 45 atestam, de um lado, um movimento de ‘participação’, que reflete não só uma postura contemporânea de diálogo com seu tempo e de intervenção nos acontecimentos, mas também um entendimento do poema enquanto dissolvente, catalisador e reorganizador do real; ou seja, o poema enquanto matéria autônoma que, a partir de si mesma, nomeia o mundo. E, de outro lado, vemos um movimento de ‘recusa’, que parte da compreensão do lugar íntimo e solitário da experiência poética, repercutindo, às vezes, numa espécie de sentimento de ‘impossibilidade’ ou de ‘inutilidade’ do poema.”²³

Marcelo analisa alguns poemas – separados tematicamente em capítulos – como partes autônomas, ao mesmo tempo em que os articula com o conjunto da obra, a ser lida também como um todo, simbolizado pela “rosa”, que no poema “Anúncio da rosa” é definida como “aurilavrada”, justificando-se, assim, a expressão utilizada no título do trabalho, “rosa aurilavrada”. Após algumas digressões sobre a ideia e conceito de utopia, o autor diz que um

²² OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada: figurações da utopia em *A Rosa do Povo***. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

²³ *Ibidem*, p. 8.

modo possível de se compreender o caráter utópico na obra drummondiana em questão consiste na ideia de uma “utopia alquimista”, cuja finalidade é a modificação radical da condição humana e do mundo mediante um processo simbolizado pela transmutação dos metais vulgares em ouro. Para ele, *A Rosa do Povo* de Carlos Drummond de Andrade detém essa função e objetivo. Imbuído desse espírito, Marcelo Freitas propõe uma leitura do livro que intercale o aspecto mais racional e crítico da utopia, o que a assemelha mais à ideologia, ao seu aspecto mais intuitivo e simbólico, o que aproxima o utópico do mito e da alquimia. É dessa junção (simbólico e ideológico) que surge a imagem da “rosa aurilavrada”.

Ele ressalta que a palavra “Rua”, é repetida 48 vezes; e aparece em 28 dos 55 poemas. Usada como referência à cidade, como metáfora para a participação, como lembrança do passado, sempre expressa um desejo de mobilidade, de interação com as pessoas, de mudança do *status quo*. Portanto, é uma das palavras/conceito chave para o entendimento da obra de 1945.

“Consideração do poema”²⁴ – primeiro poema da coletânea, e o primeiro analisado por Marcelo – inicia a fixação dos termos de uma poética que permeará grande parte dos poemas de *A Rosa do Povo*, partindo da definição de um eu lírico individualizado e conquistando-lhe aspectos cada vez mais socializantes, o que ocorrerá simultaneamente a um processo simbólico de transmutação da palavra. Na contramão da tese do biógrafo de Drummond, José Maria Cançado, segundo a qual o poeta não teria extraído nenhuma inspiração literária, nenhum motivo poético de sua graduação em farmácia, na qual sempre teria sido aluno assíduo, Marcelo afirma que os estudos em química foram fundamentais, aliados às leituras que Drummond fazia dos poetas simbolistas, para que ele disseminasse elementos de influência alquímica em seus poemas, embora ele nunca tenha defendido isso publicamente. Marcelo Freitas acredita que:

“A noção de uma ‘utopia alquimista’ em *A Rosa do Povo* pode ser definida como metáfora de um trabalho que visa à catarse das palavras, concomitantemente com a do sujeito poético e do leitor, buscando a ‘síntese do ouro’, isto é, a composição da “rosa aurilavrada”. Esta, além de metaforizar uma espécie de totalidade do poema e do sujeito, simboliza um instrumento cujo contato seria capaz de modificar o modo de ser dos indivíduos e das coisas, rejuvenescendo-os.”²⁵

²⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012. p, 9-10

²⁵ OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada: figurações da utopia em *A Rosa do Povo***. Dissertação. (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. p, 31.

O segundo poema do livro, “Procura da poesia”²⁶, é entendido por Marcelo como se fosse um animal selvagem, uma força estranha, desconhecida, com a qual o “poeta-poema” faria um corpo a corpo repleto de regras e restrições. Há, segundo ele, uma ideia de ‘mistério’ na relação do poeta com a poesia, o que talvez simbolize a própria relação do homem com o desconhecido, plena de respeito e de cuidado perante uma autoridade inquestionável. Oliveira enxerga dois movimentos em *Procura da poesia*: primeiro um mapeamento dos “nãos”, isto é, um inventário das armadilhas que impedem o poeta de encontrar a poesia. Depois, a afirmativa do eu lírico sobre a primordialidade das palavras, sendo elas as entidades corpóreas a serem buscadas, cuja a ambiguidade que lhes são inerentes permite a consumação do poema em sua plena potencialidade.

*Anoitecer*²⁷ é analisado em seguida. Nesse poema o mundo exterior se encontra fundido a subjetividade do eu lírico. A atitude lírica do poema é a canção. Nele é explorada a dissociação entre o ritmo biológico e o ritmo imposto pela sociedade, que na visão de Marcelo parece ser um dos temas centrais do poema, como o é ao longo da obra de Carlos Drummond de Andrade. No desenrolar das ponderações acerca dessa poesia, Marcelo Freitas faz uma definição interessante da poesia de Drummond, que se relaciona com “Anoitecer”:

“A poesia de Drummond é marcada por um enorme esforço de reflexão, um debruçar-se sobre a realidade, sobre os próprios sentimentos, sobre as questões da existência humana, sobre a poesia, sobre as palavras, sobre tudo que o circunda e o penetra. Uma sensibilidade aguçada aliada a uma inteligência perscrutadora, inquieta, que sempre procurou uma razão oculta no existente (a “máquina do mundo”, o amor crepuscular mas destrutivo, o descompasso entre o ritmo natural e o ritmo das máquinas), razão essa velada, no entanto, por sombras, pela noite, e obstada por pedras, paredes, labirintos.”²⁸

Enquanto *Consideração do poema* é entendido como a afirmação de um poema utópico socializante e *Procura da poesia* como a necessidade de pacto com as palavras; *Anoitecer* aparece como a metáfora do processo de dissolução de noções de realidade solidificadas, tanto objetivas quanto subjetivas, defende o autor.

“Nos áureos tempos”²⁹ faz referência ao mito grego das cinco idades do mundo, a saber, a idade do ouro, a idade de prata, a idade de bronze, a idade dos heróis e a idade de ferro. Este

²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p, 117-118.

²⁷ Ibidem, p. 122-123.

²⁸ OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada**: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*. Dissertação. (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. p, 52.

²⁹ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p, 136-138.

mito representa o processo de degradação que a humanidade sofreu no decorrer do tempo, indicando que o homem vivia originariamente em melhor situação que a atual. Nesse poema, segundo Oliveira, Drummond expõe um conflito entre o reconhecimento do seu vínculo com o passado, por meio do recolhimento e resguardo das memórias de momentos de uma infância prazerosa, e a consciência posterior de que essa experiência era atravessada por aspectos negativos, de valores do patriarcalismo, somado ao fato de que os habitantes de sua cidade natal permaneciam alheios às transformações sociais que ocorriam no mundo.

Ele continua a dissertar que a partir do retrato sempre ambíguo da infância drummondiana, é possível pensarmos que o poeta trabalhe sempre a ideia de uma infância simbólica, caracterizada por aspectos positivos de uma vivência prazerosa e de caráter coletivo, na rua, não deixando, contudo, de expor que essa fase conteria aspectos negativos, especialmente ligados ao contexto da época. Nesse sentido a tensão existente no poema se dá entre a idealizada idade do ouro vinculada à memória de uma infância inventada e uma idade do ferro ligada ao presente, onde está completamente reduzido o espaço possível da experiência.

“Vida menor”³⁰ integra o conjunto dos poemas da obra de 45 marcados pelo “fechamento do discurso poético”, afirma Marcelo. Não há uma busca de participação em meio à coletividade, metaforizada pela imagem do caminhar ao lado de pessoas, na rua. Nesse poema o eu lírico faz uma espécie de evasão niilista, que significa descompromisso completo com os ideais de engajamento; um encontro com o “Ser” por meio da elisão do tempo histórico, interpreta Oliveira. “Campo, chinês e sono”³¹, na visão de Marcelo, participa do mesmo movimento, que segundo ele constitui uma tensão dentro de *A rosa do povo*: de um lado, haveria poemas que representam um quadro de total descompromisso com as questões presentes; e de outro, poemas que primam por exigências participativas, apropriando-se artisticamente, por exemplo, de conceitos da ideologia marxista. Em resumo:

Apreende-se, portanto, que os poemas “Vida menor” e “Campo, chinês e sono” projetam o eu lírico num espaço longínquo e utópico, alheio ao convívio humano e integrado à natureza, mas também configuram uma etapa do processo de composição da obra na sua totalidade, indicando a operação de depuração de uma linguagem poética própria e, por consequência, de apuração do poema, do sujeito poético, do poeta e do leitor.³²

³⁰ Ibidem, p. 143-144.

³¹ Ibidem, p.144-145.

³² OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada**: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*. Dissertação. (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. p, 92.

Cabe aqui algumas digressões sobre essa percepção de “participação” social ou política que praticamente todos os autores que se debruçaram sobre *A rosa do povo* se referem. Nossa defesa é que, independentemente de determinados poemas se enveredarem por temas do cotidiano, memorialístico ou regionalista, seu processo de criação é histórica e socialmente determinado³³. Como defende a antropóloga Adriana Facina, seja um defensor da “arte pela arte”, mais preocupado com a experimentação formal do que com a transformação da realidade, ou seja um autor engajado, que vê na sua obra um instrumento para mudar o mundo, ambos vinculam ideias, valores, e opiniões através de um tipo de escrita em que forma e conteúdo são indissociáveis³⁴. O livro de 1945 é constituído de poemas que variam em forma e conteúdo, isso é inegável. Não obstante, é necessário compreendê-lo dentro do ambiente sob o qual o livro veio a lume. É necessário historicizá-lo, ou seja, perceber quais são os componentes históricos que o influencia, e como isso acontece.

O poema “O Mito”, segundo Marcelo, narra a trajetória do sujeito poético que, por meio de uma espécie de “ritual de passagem”, compreende que Fulana (personagem do poema) representa simbolicamente o seu desejo, explorando no texto tanto aspectos psicológicos quanto mitológicos, ao mesmo tempo que parece configurar uma alegoria da dominação exercida pela classe burguesa possuidora dos meios de produção sobre as demais classes sociais. O aspecto utópico de “O mito” retoma em certa medida a noção de amor dos poetas provençais: amor que alia instinto a inteligência, na medida em que o processo de tomada de consciência faz com que o sujeito deixe de agir como joguete das ilusões provenientes tanto do mundo exterior quanto da subjetividade. Mas o registro do modo violento de porquê isso se dá acaba enfatizando a impossibilidade de se resolver o impasse do desejo no poema, que se torna um espaço de evasão.

Em “Morte do leiteiro” o que podemos compreender, numa primeira leitura é uma alegoria de um conflito de classes. Com uma interpretação semelhante à de Cristiano Augusto da Silva Jutgla, Oliveira argumenta que Drummond trabalha nesse poema a questão da miséria humana, da vida das pessoas pobres na cidade. Esses são problemas que passaram a influenciar sua produção quando foi para o Rio de Janeiro e pôde perceber a condição de vida do mais pobres dos subúrbios cariocas. A junção do sangue com o leite no final significa para Marcelo a junção do individual com o coletivo. Já a imagem da aurora (presente no último verso) é ambígua. Ela pode indicar somente mais um amanhecer, como qualquer outro. Ele insiste que

³³ Não defendemos, entretanto, uma espécie de determinismo histórico, isto é, acreditar que os textos que os escritores produzem são exclusivamente frutos do período, pensamento da época. Todavia, esse aspecto deve ser levado em consideração, para a criação de qualquer obra artística, não só de literatura.

³⁴ FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

o eu lírico parece demonstrar certo ceticismo quanto à possibilidade de transformação do indivíduo burguês – sem interesse pela poesia e pela revisão de sua posição ideológica –, bem como da sociedade em geral.

Nesse poema, junto com “Carta a Stalingrado”³⁵, o foco recai especialmente sobre assuntos ligados ao tempo histórico e à coletividade, como o conflito de classes, a função da ordem e da lei na sociedade brasileira, a guerra generalizada e suas possíveis consequências no plano social, expõe Oliveira, cuja observação simbólica subjacente é fundamental para a análise. *Carta a Stalingrado* especificamente compõe um conjunto na obra de 1945 que representa cronologicamente as etapas da Guerra. A sequência que compõe esse conjunto é: *Carta a Stalingrado; Telegrama de Moscou; Mas viveremos; Visão de 1944; Com o Russo em Berlim*. Dando destaque para aspectos messiânicos, apocalípticos e utópicos, Marcelo de Oliveira argumenta que o poema como um todo explicita um discurso apocalíptico messiânico, exaltando “Stalingrado” como uma espécie de ‘messias’ sacrificado para o surgimento da ‘cidade futura’. Na relação do poema com a obra, o autor revela que:

Não só em “Carta a Stalingrado”, como também nos demais poemas de *A Rosa do Povo*, a imagem de nascimento de uma nova vida se dá sempre a partir do chão, do solo, da terra, e é nisso que se pode notar, talvez, a alusão de Drummond à simbologia alquímica, que, como dissemos nas considerações preliminares, tenta alcançar a regeneração da vida e das coisas da natureza, por meio de metáforas da transmutação de metais inferiores em ouro, ascendendo sempre de baixo no sentido de algo melhor.³⁶

Nas páginas finais o autor trata de três poemas, que dialogam entre si. O primeiro deles é “Anuncio da Rosa”³⁷. Segundo Marcelo, apesar de pouco analisado pela fortuna crítica drummondiana, esse poema é central na coletânea, por ser o único a tratar exclusivamente da imagem símbolo da “rosa”, explorando a um só tempo as esferas política, metapoética e simbólica, como costuma acontecer em muitos dos poemas de *A Rosa do Povo*. Concomitantemente à representação de aspectos da realidade objetiva, o poema alude a possíveis dimensões simbólicas ainda não demonstradas. Na análise desse poema Marcelo diz que a figura da rosa simboliza dentro a obra uma utopia socialista. Na nossa perspectiva seria necessária uma abordagem mais profunda, com auxílio de outras fontes, tendo em vista que Drummond nunca deixou essa questão, sobre seu posicionamento político, muito clara.

³⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p, 200-202.

³⁶ OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada**: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*. Dissertação. (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. p, 139.

³⁷ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p, 149-150.

O segundo poema do diálogo final da dissertação é “Mário de Andrade desce aos infernos”³⁸. Esse texto trabalha com a tensão entre o individualismo de Drummond e o coletivismo de Mário. É interessante citar uma carta enviada por Mário a Drummond, após a leitura de *Alguma Poesia*, primeira obra de Drummond:

“Não seja homem de gabinete; despreze seus modelos atuais importados – Anatole France e toda cultura francesa. São pretensamente elegantes; falsos posições. Falta-lhe espírito de mocidade brasileira. A cultura livresca e cosmopolita precisa ser substituída pela reflexão crítica que leve em conta a condição miserável em que vive o grosso dos brasileiros. (...) nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime e nos dá felicidade.”³⁹

O poema é escrito sob o impacto do luto, com imagens e verbos que expressam um profundo sentimento de dor. Para Oliveira, o eu lírico teme ser levado a um estado de imobilidade, em que se isolaria para depurar, durante anos, um canto sublime em louvor do amigo. Mas recusa essa inclinação, dirigindo-se ao “chão”, a indicar um contato com a realidade presente, e repetindo o verbo “preciso”, que o impele à ação e a retomar a prática poética participante, que aprendeu com Mário, de sempre buscar ‘novos amigos’, ou seja, a “explosiva descoberta”, que o faria inclusive enxergar na escuridão, pelo afeto.

O terceiro e último poema analisado na Dissertação de Mestrado de Marcelo Freitas Ferreira de Oliveira, e que é também o último do livro de Drummond, se chama “Canto ao Homem do povo Charlie Chaplin”⁴⁰. Para o autor, o último poema de *A Rosa do Povo*, não apenas resume a intenção de Drummond em superar o impasse entre a dimensão local e a dimensão universal como também condensa a própria poética utópica do livro. Drummond se identificava com o personagem Carlito. Em uma crônica publicada no Diário de Minas afirmara que esse personagem era um sujeito triste que se transformava por meio da esperança⁴¹. Marcelo aposta que nesse poema Drummond trabalha todas as temáticas que compõem a obra, inclusive a trajetória de constituição do sujeito lírico. É como se a composição de um canto endereçado a Chaplin, levando consigo as vozes populares do Brasil, fossem aliadas às experiências pessoais do poeta. Marcelo considera *Mário de Andrade desce aos infernos* e *Canto ao homem*

³⁸ Ibidem, p. 217-220.

³⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carlos e Mario**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mario de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002. p, 14.

⁴⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006. p, 220-227.

⁴¹ CANÇADO, 1993, p. 146. *Apud.* ⁴¹ OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada**: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*. Dissertação. (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. p, 178.

do povo Charlie Chaplin como os poemas que condensam a mensagem de “A rosa do Povo”. Mensagem esta que fora cifrada por meio de elementos alquímicos.

Embora a perspectiva adotada no presente estudo para ler os poemas de Drummond de 1945 seja completamente inovadora, isto é, não existem estudos que destacam a importância da alquimia para compreensão da obra Drummondiana, Marcelo não define muito bem quais são as relações práticas entre o conceito de utopia e de alquimia, e de que maneira eles servem para compreender o autoritarismo e a resistência poética praticada por Carlos Drummond de Andrade.

2.4 “Incerto movimento: a resistência lírica em A rosa do Povo de Carlos Drummond de Andrade”⁴²

Eliaquim, autor da presente Dissertação de Mestrado em Letras, propõe com esse estudo discutir as relações entre lírica e sociedade na poesia de Carlos Drummond de Andrade a partir da noção de resistência e de seus desdobramentos, tendo como obra de análise o livro *A rosa do povo*, publicado em 1945. A base bibliográfica para estabelecer seus objetivos é buscada em Platão, Octavio Paz, Alfredo Bosi, Iumna Simon, Theodor Adorno, entre outros. Assim como alguns estudos já mencionados, Eliaquim também ressaltou o caráter plural da obra de 1945. Segundo ele a metalinguagem, encontrada sobretudo nos dois poemas de abertura da coletânea, isto é, *Consideração do Poema* e *Procura da poesia*, exemplificam a peculiaridade de Drummond em relação às chamadas “poesias participantes”, ou políticas da época.

No geral, o presente estudo não avança significativamente em pontos que os trabalhos outrora citados já desenvolveram. Uma questão interessante é a descrição das obras Drummondianas anteriores – *Alguma Poesia*, *Brejo das Almas*, *Sentimento do Mundo*, *José* – relacionando-as aos respectivos contextos. Aqui está uma das asserções mais importantes do trabalho. Segundo Santos: “Apresentar, ainda que brevemente, o trajeto poético drummondiano de *Alguma poesia* até *José* nos ajuda a compreender que em suas diversas linhas de reflexão a consciência lírica e o questionamento político-social sempre estiveram presentes de modos distintos.”⁴³

⁴² SANTOS, Eliaquim José Teixeira. **Incerto movimento: a resistência lírica em Rosa do povo**, de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação. (Mestrado em Letras). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2012.

⁴³ *Ibidem*, p. 24.

No segundo capítulo da dissertação o autor faz um percurso pela fortuna crítica de Drummond, semelhante ao que fez Cristiano Augusto da Silva Jutgla. Destaca que ele é maior que a própria obra de Drummond, e dentro dela, o livro de 1945 é o mais analisado. Entre os seus diversos leitores está Sérgio Milliet, que define o livro de 45 enquanto “Poesia madura e nobre”.⁴⁴ Para Otto Maria Carpeaux o sentido social da poesia de Drummond é “guardar no turbilhão do coletivismo a dignidade humana”.⁴⁵

Com ajuda de José Miguel Wisnik, Eliaquim defende que mesmo quando Drummond aborda temas explicitamente políticos ou sociais, não investe em uma postura didática, fechada em uma única ideia a ser defendida em moldes de propaganda política. Ao contrário, ele ultrapassa essa dimensão de mero panfleto, na medida em que não se afasta do trabalho denso com a linguagem, da imersão no “reino das palavras”. Sobre as visões acerca da Rosa do Povo, construída historicamente pela crítica Eliaquim pontua que:

“Em meio às diversas operações de leitura acerca do legado da obra drummondiana, a crítica concorda que *A rosa do povo* é um livro que transpira seu tempo e, por conseguinte, exemplo de como o poeta brada contra a sociedade que o sufoca, sendo, desta forma, considerada uma singular experiência de engajamento político/poético.”⁴⁶

Nas linhas subsequentes há uma busca por definir a poesia e a resistência. Santos cita o livro *O arco e a lira* de Octavio Paz para dizer que o significado de poesia é muito amplo. Em seguida investiga a semântica da palavra resistência, com significado de dicionário, e descreve alguns textos que seriam de resistência na história. Resistência para ele não significa somente enfrentamento social ou político. Busca em textos antigos exemplos de resistência, como em *Antígona* de Sófocles, ou em autores modernos como Pablo Neruda e Bertold Brecht. A preocupação fundamental da dissertação, diferente das outras, é entender a questão da resistência propriamente, mais do que analisar com profundidade poemas específicos, como fez Cristiano, Marcelo ou João Pedro.

A partir do diálogo com Adorno e Alfredo Bosi, Eliaquim conclui que ambos expressam dois modos distintos de perceber a relação da lírica com o social. Destarte cabe se distanciar do social em sua hostilidade e linguagem reificada para ultrapassá-lo apontando outra realidade,

⁴⁴ MILLIET, Sérgio. Uma lei objetiva e subjetiva. In: BREYNER, Sônia (org.). **Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 177-183, 1977 (Col. Fortuna Crítica, v.1). p, 177. *Apud.* SANTOS, Eliaquim José Teixeira. **Incerto movimento: a resistência lírica em Rosa do povo**, de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação. (Mestrado em Letras). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2012. p. 25.

⁴⁵ CARPEAUX, O. M. Fragmento sobre Carlos Drummond de Andrade. In: BREYNER, Sônia (org.). **Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (Col. Fortuna Crítica, v.1). *Apud.* Ibidem.

⁴⁶ Ibidem, p. 31.

numa ótica mais tradicional, é preciso de alguma forma mirar a conjuntura que se apresenta, abrindo caminho através da desordem instaurada, servindo-se em grande parte da própria linguagem vigente, mas deslocando-a do lugar comum em busca do outro, o leitor, pois acredita na capacidade de transformação do real.

A metalinguagem, tema do último capítulo da dissertação, é usada por Drummond em *A rosa do povo* de modo diferente da metalinguagem que valoriza a concepção técnica para mero deleite. Drummond a utiliza em *A rosa do povo* para se desvencilhar da tradição lírica e encontrar vias de acesso para seu canto-experimento com o qual reflete e indaga sobre as relações entre a palavra e o mundo. Eliaquim enfatiza que a metalinguagem está dispersa em diferentes poemas, com temáticas variadas, como se a busca pela dicção ideal estivesse em permanente busca. Para o autor:

“A reflexão metapoética não se esgota como questionamento dos procedimentos formais, mas, pelo contrário, revela a indissociabilidade entre forma e conteúdo, pois, cada vez que aborda a forma também discute a sua relação com o mundo. O como dizer é indissociável, em CDA, do que dizer, para que dizer e para quem dizer. Além disso, frequentemente o poeta se faz e refaz em suas escolhas.”⁴⁷

É justamente o hermetismo e a metapoesia que distanciam Drummond de autores engajados, políticos, como os poetas soviéticos do pós revolução de 1917. Diferente da interpretação de Iumna Simon, que entende o hermetismo como um fechamento à participação, Eliaquim acredita que em Drummond, essa característica permite potencializar ainda mais seu discurso, que toma variadas formas e temas.

⁴⁷ Ibidem, p. 69.

3. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO EIXO NORTEADOR DE ANÁLISE

Neste capítulo serão analisados duas Dissertações de Mestrado. A primeira delas busca referências na lírica que se constitui na modernidade como forma de entender temas, como as guerras. Ela analisa sobretudo os poemas ditos “líricas de guerra”. A segunda Dissertação faz uma exploração maior, de um número maior de poemas, sem perder de vista o tema da guerra, mas também com um foco demasiado na questão metapoética, que é uma das marcas da obra de 1945 de Carlos Drummond de Andrade.

3.1 “Fases da poesia de Drummond: a modernidade e a guerra”⁴⁸

Neste estudo, Ana Lúcia Costa Barbosa procura entender “A Rosa do povo” dentro de um contexto maior, que em seu texto se trata da modernidade. Para mergulhar na análise ela selecionou 4 poemas em especial: “Carta a Stalingrado”, “Telegrama de Moscou”, “Visão de 1944” e “Com o Russo em Berlim”. Eles serão analisados em consonância com a lírica moderna, e a partir das relações entre História e Literatura. Ela se propõe investigar de que forma a poesia lírica dialoga com eventos históricos da Modernidade, em especial as guerras, reconhecendo também o papel assumido pela arte diante desse novo tempo.

Carlos Drummond de Andrade viveu praticamente todo o século XX, ou seja, foi testemunha ocular de inúmeros acontecimentos, como da ascensão dos fascismos e totalitarismos, das guerras mundiais, do Holocausto, das transformações estruturais do sistema capitalista, da formação das sociedades de massas, das inovações técnicas e tecnológicas impulsionadas pela disputa ideológica durante a Guerra Fria. Tais fatos, supõe Ana, estão entranhados na poética drummondiana. Autora enfatiza o caráter engajado do poeta, como o fez Marcelo Oliveira, em “Rosa aurilavrada”. Destaca que a questão da guerra aparece por meio de termos como medo, destruição, morte, escuridão, que vinham sendo explorados pelo poeta desde “Alguma poesia”. Ana encontra em José Guilherme Melquior⁴⁹ a concepção de que o artista possui um compromisso em revelar as várias faces da sociedade. O papel exercido por

⁴⁸ BARBOSA, Ana Lúcia Costa. **Fases da poesia de Drummond: a modernidade e a guerra**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

⁴⁹ MERQUIOR, José Guilherme. Sobre a doxa literária. In: MERQUIOR, José Guilherme. **Crítica (1964- 1989)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 364. *Apud*. Ibidem. p. 26.

Drummond, como ela aponta, sinaliza a atitude de alguém que foi capaz de viver o seu tempo e de perceber as contradições por ele ensejadas. Sobre elas, ele se posicionou crítica e poeticamente.

Diferente de estudos como o de Cristiano Augusto Jutgla, que dissolvem o tema do engajamento, da resistência por poemas onde forma e conteúdo não evidenciam imediatamente sua postura, Ana aponta que os poemas selecionados em seu trabalho são “líricas de guerra”, e que por meio deles é possível interpretar a história e a literatura do período. Embora destaque, como todos os outros, a pluralidade temática e formal do conjunto da obra de 1945.

Para definir a “Modernidade” sociológica e historicamente a autora cita Anthony Giddens, Marshall Berman e Karl Marx. Sobre a poesia moderna, cita Baudelaire, como o grande autor símbolo desse período histórico. Nessa parte da Dissertação, embora possua ideias inauditas em relação às outras pesquisas, a autora acaba abrindo demais o recorte. Cita muitos processos históricos como o Renascimento ou Iluminismo, mas não demonstra como esses movimentos impactam e constituem a lírica moderna. Ela retoma a tão citada “Palestra sobre a lírica e sociedade”⁵⁰ de Adorno – todos ou quase todos estudos existentes sobre *A Rosa do povo* de Drummond usam esse texto de Adorno – para definir a relação da lírica com a sociedade no mundo contemporâneo. Para Adorno, o poema lírico toma uma maior amplitude no contexto da Modernidade. Muito mais do que voltar-se para uma forma de expressão individual e cantar e decantar as experiências particulares, a poesia lírica empreende uma articulação com os problemas de seu tempo, o que significa dizer que a obra literária trará à luz fatos da realidade histórica na qual está inserida. Ana acrescenta dizendo que o poeta deve voltar-se para os problemas de seu tempo, refletindo e tematizando sobre as questões e as dificuldades pelas quais passa o homem moderno em sua realidade social.

Dois pontos merecem destaque nesse momento: o primeiro deles é o caráter excessivamente negativo que a autora alcunha o século XX. O Segundo, é a maneira como ela entende a influência histórica na obra literária. O texto de Ana Lúcia apresenta apenas aspectos negativos que “entraram” na obra de Drummond, como se o século tivesse apenas uma interpretação holística possível, e que Drummond tivesse feito a mesma coisa no livro todo, isto é, “reclamar” das mazelas do mundo. Em segundo lugar, ela entende que só existe influência histórica no texto literário quando este representa por meio de conceitos o próprio desenrolar da história. Essa interpretação é comum nos trabalhos de uma maneira geral. A nossa defesa é a de que independente dos recursos linguísticos usados pelo poeta, da forma como o poema foi

⁵⁰ ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2003. p. 66-67. *Apud*. Ibidem. p. 35.

estruturado ou quais temas ele evoca, há sempre a ativação de uma consciência que é historicamente determinada por um sujeito específico que participa de uma sociedade específica.

Com apoio em Alfredo Bosi a autora faz uma historicização sobre a literatura brasileira, do Pré-Modernismo, à Segunda Geração Modernista. Coloca Drummond dentro desses quadros, separando sua obra em diferentes fases, conceituando-as nos aspectos formais e temáticos.

É somente no último capítulo da dissertação que o tema da guerra entre para o primeiro plano de análise. Ana traça um esboço sobre a Primeira Guerra Mundial, sobre o Nazismo, Revolução Russa e Estado Novo brasileiro. Ela destaca as dificuldades em lançar a referida obra no mercado editorial, devido ao seu caráter altamente crítico do *status quo*, em meio a um cenário ditatorial. Assim, a forma encontrada para resolver o impasse foi a tiragem inicial, de modo mais secreto, de um volume de cento e cinquenta páginas, que eram reproduzidas e divulgadas entre os diversos leitores. Autora defende que a partir dos poemas de “A rosa do Povo” é possível identificar uma repulsa de Drummond ao Fascismo e uma simpatia intelectual pelo Socialismo. Nos poemas identificados como “lírica de guerra”, o poeta se dirige a duas cidades: Stalingrado e Moscou, matrizes geradoras de um mundo novo, renascentes das cinzas, do pó, dos “cacos” e dos escombros. Para Ana Lúcia Costa Barbosa “rosa” e “povo” se colocam lado a lado, simbolizando a delicadeza, a esperança; a união e a grandeza. Elementos levantados por Marcelo Freitas Ferreira de Oliveira, para construir sua “Utopia alquimista”.

Sobre o poema “Carta a Stalingrado” a autora destaca que o tom prosaico da escrita, próprio das cartas, aliado ao tamanho extenso de alguns versos, traduz a dificuldade de contenção do sentimento de aflição e de desespero. “Telegrama de Moscou” apresenta procedimentos formais bem semelhantes à “Carta a Stalingrado”, considerando as especificidades de cada gênero textual, ressalta Ana. Ambos conservam na escrita o tom prosaico. O clamor grandioso é expresso no telegrama que sai de Moscou com destino a Stalingrado e, além dela, procura alcançar o mundo. Os dois poemas são, notadamente, marcados pela natureza épica e trazem notícias da guerra. Quanto ao conteúdo e à forma, ambos se encontram perfeitamente integrados à proposta sugerida nos títulos; a linguagem poética deles abrem caminhos para que o processo comunicativo se estabeleça.

Segundo Ana Lúcia, o poema “Visão de 1944” apresenta, no plano formal, uma aproximação com o padrão clássico, o qual responde por uma elaboração estética mais refinada. Assim, o poema está estruturado em cem versos decassílabos, acentuados na sexta sílaba e divididos em vinte e cinco quadras, não fazendo uso da rima. A ideia de fragmentação dos

sujeitos, dos tempos e espaços também perpassa o poema. Segundo Ana Lúcia, “Com o russo em Berlim”, encerra a temática referente à “lírica de guerra”, presente em *A rosa do povo*. Ela argumenta que nesse poema há algumas semelhanças em termos de composição formal com “Visão de 1944”. Em ambos as estrofes são compostas por quatro versos, têm o uso de um verso estribilho. A métrica oscila entre os decassílabos dos três primeiros versos da quadra e a redondilha do último verso. O tom que marca esse poema é o da esperança.

Dentre alguns problemas encontrados na dissertação presente, destacamos um último. Embora Ana Lúcia tenha um objetivo de desenvolver a “lírica de guerra” encontrada nos poemas acima citados, o espaço e tempo dedicado a tais são muito exíguos. Outrossim, suas análises não mergulham tão profundamente, como poderiam. Duas características interessantes são primeiro, o uso de fontes primárias, a saber cartas e entrevistas dadas por Drummond, e segundo, a busca em uma tradição maior da modernidade e do modernismo brasileiro para entender o estado da poesia e da obra de Carlos Drummond de Andrade.

3.2 “História e Poesia: texto e contexto em *A rosa do povo* (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade”⁵¹

Dentre todos os estudos feitos sobre *A rosa do Povo*, que essa monografia investigou, o que nomeia o presente subcapítulo é o único feito em um departamento de História. Não obstante, suas investidas investigativas fazem o mesmo movimento que outros estudos fizeram, diferenciando em alguns pontos, mas que no escopo geral, possui uma forma semelhante. Esse trabalho, diferente dos outros, se alicerçou em uma bibliografia consistente, para além dos críticos literários. Historiadores como Carlo Ginzburg, Eric Hobsbawm e Nicolau Sevcenko por exemplo, foram acionados para auxiliar a pesquisa.

Como o título já evidencia, Fernando Braga busca entender a relação entre os poemas de 1945 com o contexto no qual estão inseridos. É importante a ressalva que ele faz ainda no resumo do trabalho de que não é possível resumir ou esquematizar o teor semântico dos poemas pois o livro é caracterizado por uma pluralidade temático-formal irreduzível a esquemas estruturais. Para ele é necessário entender os poemas do livro dentro de “núcleos temáticos”,

⁵¹ TALARICO, Fernando Braga Franco. **História e poesia: texto e contexto em *A rosa do povo* (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade**. Dissertação. (Mestrado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

mais do que tentar enquadrá-los em assuntos. O conceito de “Inquietudes” usado por Antonio Candido no texto “Vários escritos” é fundamental para a presente dissertação. Candido define:

“As inquietudes que tentaremos descrever manifestam o estado-de-espírito desse “eu todo retorcido”, que fora anunciado por um “anjo torto” e, sem saber estabelecer comunicação real, fica “torto no seu canto”, “torcendo-se calado”, com seus “pensamentos curvos” e o seu “desejo torto”, capaz de amar apenas de “maneira torcida”.(3). Na obra de Drummond, essa torção é um *tema*, menos no sentido tradicional de assunto, do que no sentido específico da moderna psicologia literária: um núcleo emocional cuja volta se organiza a experiência poética.”⁵²

É imbuído dessa perspectiva que Fernando perpassa por alguns poemas da coletânea em busca de seus significados mais intrínsecos. Para ele esse conceito contribui de maneira fundamental para configurar o universo simbólico drummondiano. Fernando alerta para que pensemos a obra de 1945 em sua historicidade, dentro de um diálogo entre texto e contexto, entre significante e significado. Embora faça na primeira parte da dissertação uma análise aprofundada de alguns poemas, o autor não acredita que perca com isso o tema do engajamento, ou da história. Uma pergunta essencial que norteia sua pesquisa investe sobre os elementos de mediação estéticos entre a obra de Drummond e seu contexto.

Na primeira parte do trabalho a metalinguagem é um dos elementos centrais. Segundo Fernando, a metalinguagem está presente em diversas poesias, mesmo naquelas que não são eminentemente metapoemas. O autor entende que a metalinguagem é uma estratégia fundamental dentro do tema nuclear das “inquietudes”. Acerca do primeiro poema da coletânea, “Consideração do poema”, Fernando destaca que ele expressa as características da poética drummondiana em *A rosa do povo*. Há nele uma multiplicação de problemas, perspectivas, recursos linguísticos, e uma fragmentação temático-formal. É a partir de uma perspectiva “sinistra”, “inexorável”, “mortal” que o trânsito entre o Eu e o Mundo resulta na forma de inquietudes. Autor afirma que há um diálogo competente entre estética e política, mas em suas análises o elemento social e político foi praticamente esquecido. Sua análise é extremamente minuciosa. Ele investiga frase a frase, microscopicamente, e, a nosso entender, perde a dimensão história. Em suma, *Consideração do poema* é para Fernando Braga Talarico, uma espécie de retrato multifacetado. Trata-se de um poema de contradições, onde cada parte do poema figura um aspecto da linguagem. Segundo ele, esse poema representa a criação poética como ato social integrativo, que supera a dissociação mecânica entre significante e significado.

⁵² CANDIDO, Antonio. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1977. p, 98.

A coerência textual desse poema antecipa o sentido da multiplicidade temático-formal do livro. Para Fernando, a coletânea possui um engajamento cujo sentido estético tem dimensão política, e cujo sentido político tem dimensão estética. No capítulo 2 é *Procura da Poesia* que ganha o foco da dissertação.

Enquanto a temática de “Consideração do poema” é o trânsito entre as subjetividades e o mundo objetivo, mediado pela linguagem, o tema de “Procura da poesia” é a capacidade significante da linguagem diante do ato criativo, argumenta Fernando. Neste encontram-se figurados o eu e o tu do discurso. Se trata, portanto, de um poema interlocutório. Novamente, o autor se propõe relacionar o poema com a realidade histórica, mas se perde em abstrações interpretativas demasiado minuciosas e irrelevantes para o escopo geral da dissertação.

O poema *Áporo*, entendido como discurso fechado, em oposição aos poemas engajados, é visto por Fernando dentro de uma perspectiva política. Há nele diversos planos de significação a concorrer para construção de significados. A dimensão formal exacerba-se, concorrendo para um grau excessivo de objetividade. No entanto, Fernando destaca que esse formalismo funciona como uma ironia, visto que é distinto de modelos semelhantes usados pelos poetas parnasianos, por exemplo. Para ele a dimensão formal da poética drummondiana é política assim como é também estética. *Áporo* denuncia, portanto, através da linguagem cifrada, elíptica, o “silêncio” imposto pelo nazifascismo, “etapa de degenerescência do capitalismo”, segundo entendiam os intelectuais e artistas participantes, defende Braga Talarico. O próximo poema observado é “Anúncio da Rosa”.

Diferente de *Áporo*, *Anúncio da Rosa* foi pouco estudado pela crítica. No seu entendimento, o significado que a “flor” assume nesse poema vai ao oposto da separação entre estética e política no seu engajamento. Ele afirma:

“A “flor”, ao percorrer o alegórico e o simbólico, participa da construção de uma poética extremamente complexa, que se apropria dos signos em sua dimensão cotidiana, “vulgar”, figurando-os em movimentos opostos, mas complementares, de desfiguração e transfiguração. Dessa maneira as práticas simbólicas orgânicas, exiladas do cotidiano pela reificação das sociedades capitalistas, reintroduzem-se na experiência humana (a um tempo individual e coletiva) sob a escala da vida diária, resignificando-a ao invés de apenas confronta-la. Por esse motivo a “flor” como metonímia de “poética”, em vez de apenas referir-se ao real de maneira imediata (com permitir que seja feitos “versos sobre”), possibilita antes a mediação sobre o real, de maneira a renomeá-lo.”⁵³

⁵³ TALARICO, Fernando Braga Franco. **História e poesia**: texto e contexto em A rosa do povo (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. p. 111.

A partir dessa definição podemos perceber que se trata de uma busca hermenêutica distinta daquela feita por Marcelo Freitas Ferreira de Oliveira, em “Rosa aurilavrada: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*”. Malgrado Marcelo também destacar que esse poema ficou esquecido pela crítica, para ele a figura da “rosa” (ele enfoca nessa imagem, e não tanto na “flor”, como faz Talarico) representa a utopia socialista ensejada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. De outra parte, Fernando Braga diz que a “rosa” é a figuração alegórica do fazer poético, sempre precário, pertencente a um mundo social reificado. Para ele seria possível enquadrá-lo no bloco do “engajamento”.

Em “Mário de Andrade desce aos infernos” Talarico destaca que embora o sentimento de luto pela morte do amigo mobilize recursos semânticos e estilísticos, o significado último do poema é a confirmação do projeto poético engajado de *A rosa do povo*, marcado pela pluralidade estético-conceitual, pela participação da linguagem poética nos eventos cotidianos com vistas a transcende-los e pela recusa do monumental. É justamente nesse poema que aparece a expressão “rosa do povo”, que intitula o livro, e funciona como uma síntese metapoética. Marcelo de Freitas havia descrito que esse poema é caracterizado pela tensão entre o individualismo drummondiano e o coletivismo de Mário, que incorreria no perigo da imobilidade do poeta. Talarico argumenta de modo semelhante como feito em “Áporo” e “Anúncio da rosa”, pois neste poema a “flor” também assume o sentido de “impasse” na medida em que figura a morte, o luto e a perda de significado. Através de metonímias⁵⁴ a morte é representada pelo contato do poeta com o cadáver do amigo. O luto é expresso pela fragmentação dos significados.

Na segunda parte da dissertação Fernando Braga Talarico faz uma defesa estranhamente inusitada. Ele diz que o “engajamento”, a “participação” de Drummond teriam sido feitas pela imaginação do poeta, por uma subjetividade exacerbada, e que não se consubstanciara de veras. Ora, tal afirmação coloca em contradição a própria proposta de trabalho de Fernando, bem como se opõe a nossa orientação da presente monografia. Drummond participa de corpo e mente do momento histórico no qual vive. Os acontecimentos dramáticos que ocorriam na Europa, nos quais o poeta não estava presente fisicamente, eram acompanhados por ele através de jornais e correspondências assiduamente, como “Telegrama de Moscou” pode nos sugerir.

Nas análises seguintes – que são feitas de modo mais breve – o autor trabalha alguns poemas como “Campo, chinês, sono”, “Mas viveremos”, “Canto ao homem do povo Charlie

⁵⁴ Em linhas gerais, metonímia é uma figura de linguagem que serve para nos referirmos a determinados objetos por meio da enunciação de outros. Em exemplo claro é dizer que: “Eu leio Drummond”. Na verdade, eu leio algum livro de Drummond e não ele literalmente.

Chaplin”, “Com o russo em Berlim”, dentre outros. Seu estudo, em relação aos outros analisados neste Trabalho de conclusão de curso é aquele onde há uma visão mais panorâmica do livro, sem com isso deixar de esmiuçar poemas julgados como mais importantes dentro da obra. Destarte, Talarico interpreta uma gama enorme de poemas, construindo uma dissertação de trezentas páginas.

O capítulo 5 é dedicado ao poema “Nosso tempo”. Fernando diz que ele se trata de um poema em que dois níveis se confrontam. Ambos são: a pluralidade de recursos estilísticos e a procura frustrada pela completude que levam a enunciação de que as experiências subjetivas não podem ser contadas nem sequer formuladas. Todos os signos – gestos, espaços, objetos, a linguagem – sofrem uma operação que os mutila, impedindo-os, portanto, de significar, como ocorre com as memórias do patriarcalismo: são significantes desprovidos de significado, coloca Talarico. O autor faz uma análise comparada bastante interessante entre esse poema e o livro “A montanha mágica” de Thomas Mann. Segundo ele há conceitos compartilhados por Drummond e Mann, além da própria questão da guerra, no caso de Mann acerca da Primeira Guerra Mundial, e no caso de Drummond, da Segunda. As duas obras, afirma Talarico, são obras humanistas, de síntese, onde a dimensão política não exclui a subjetividade. Nelas a dimensão política subjetiva-se e a dimensão subjetiva politiza-se. No entanto, há também entre eles diferenças, sobretudo na questão do engajamento. Fernando defende que enquanto Drummond possui inclinações político-ideológicas pelo socialismo, Mann não tem grandes ambições nesse aspecto. Seu objetivo é muito mais declarar a barbárie na qual o mundo estava imerso, do que propor alguma utopia ou perspectiva política salvacionista.

Em suma, em “Nosso tempo” a percepção de uma temporalidade cotidiana reificada não exclui, segundo Talarico, outras perspectivas temporais. Há uma temporalidade coletiva muito forte, bem como uma individual. O autor destaca que nesse poema, bem como na coletânea como um todo é impossível encontrar momentos exclusivamente direcionados a subjetividade lírica ou a objetividade conjuntural.

“Cidade prevista” é o último poema analisado com profundidade na dissertação de Fernando. É o terceiro poema do “bloco do engajamento” e precede os chamados “lírica de guerra”. O poema foi escrito todo em redondilha maior, mas Fernando argumenta que ele não pode ser definido como um tipo de epopeia. Ele diz que nesse projeto poético é possível perceber um retrato negativo do espaço-tempo vivido, contemporâneo, o qual pode ser uma representação do nosso país, mas que sem dúvida equivale a outros territórios também. Ele continua dizendo que o “lugar” a partir do qual o “desejo” se enuncia remete a um futuro utópico, não no sentido de ser algo irrealizável, mas como algo concretamente possível. É um

poema da impossibilidade da epopeia e ainda, um metapoema. Nele, como em “Vida menor” e “Nova canção do exílio” há a projeção de uma subjetividade interdita, defende Fernando. Nele se constitui o núcleo temático das “inquietudes” que é o eixo norteador da obra segundo Braga Talarico. Sobre a escrita de Drummond ele afirma:

“A escrita drummondiana não é, nunca, a coincidência entre forma e enunciado, entre eu e mundo, entre autor e *personae*, ou entre a condição objetiva e o projeto subjetivo. Por isso, ela recorre, num grau obsessivo, à metalinguagem, e também por isso o seu engajamento pode implicar a “participação” (mas nunca a coincidência absoluta) da linguagem em questões, por exemplo, políticas.”⁵⁵

Nos últimos diagnósticos da dissertação Fernando Braga Talarico propõe algumas aproximações entre o primeiro livro de prosa de Carlos Drummond de Andrade, chamado *Confissões de Minas*, publicado em 1944 e *A rosa do povo*, de 1945. Segundo ele os limites entre prosa e poesia em Drummond são bastante tênues. Logo, em ambos os livros existem temáticas compartilhadas, que figuravam na leitura que o poeta fazia do mundo naquele período.

Para Fernando a complexidade do discurso em *A rosa do povo* não permite uma análise que ressalta apenas aspectos políticos, por exemplo. Há nessa obra momentos de excessivo subjetivismo, mas que lançam laivos referenciais sobre a política, bem como momentos de demasiado enfoque coletivista que denotam uma subjetividade exacerbada. Entre a lírica de guerra, os poemas herméticos, os memorialísticos, individualistas, está a pluralidade temático-formais, defende Talarico. Ele investiga a temática do engajamento não como um assunto nem como referência a determinados eventos, mas como fundamento artístico de *A rosa do povo*, necessariamente integrado às inquietudes líricas.

Como descrito no início desse subcapítulo, o trabalho de Fernando é o único que compõe a presente monografia feito em um departamento de História, com uma proposta de análise histórica, com algumas referências bibliográficas de historiadores. Entretanto, seu texto, na nossa percepção, acaba se enveredando demasiadamente pelos aspectos formais presentes na obra de Drummond, e deixando o “contexto”, o “engajamento” como aspectos linguísticos, temáticos, e não como realidade histórica, concretamente constituída. Por ter essa mesma característica, a dissertação de Talarico é aquela que abarca um maior número de poemas para o estudo, e consegue explorá-los com bastante profundidade e rigor teórico, fundamentado em críticos importantes como Antonio Candido e Iumna Simon. O elemento sempre evocado, que

⁵⁵ TALARICO, Fernando Braga Franco. **História e poesia: texto e contexto em A rosa do povo (1943-1945)**, de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação. (Mestrado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. p. 261.

merece ser dito novamente é acerca do caráter metapoético que perpassa a obra de 1945 como um todo. Sem o entendimento de tal estado da poesia é impossível compreendê-la da melhor maneira possível, explorando o máximo de elementos poéticos disponíveis.

4. O COMUNISMO, A QUESTÃO SOCIAL E A LUTA DE CLASSES

Este capítulo levanta algumas reflexões sobre o comunismo e a questão social das poesias de *A rosa do povo*. Nele há duas Dissertações de Mestrado, e por último uma Tese de Doutorado. Todos defendem que há um caráter social no livro de 1945 que é aquilo que o define. Alguns apontam ainda para uma adesão de Drummond ao comunismo (como a tese de Marco Marcelo sugere). Através desses estudos é possível refletir sobre a postura política do poeta nesse período, e de como os temas sociais foram objeto de sua reflexão poética.

4.1 “Tensões e contradições em Drummond: a poesia social em *A rosa do povo*”⁵⁶

Com esse trabalho, Patrícia de Lucas Caldeira Rocha busca evidenciar as poesias que possuem temática político-filosófica presentes em *A rosa do povo*. Ela aposta que essas poesias foram escritas como resposta aos martírios pelos quais passavam o mundo – com destaque para os fascismos e para a Segunda Guerra Mundial – e no Brasil, pela ditadura varguista. Nos primeiros capítulos ela faz uma longa contextualização da trajetória biográfica de Carlos Drummond de Andrade, das transformações que a poesia sofreu na modernidade, da primeira geração modernista e do movimento modernista no Brasil. Ela também discorre sobre a agitação modernista em Minas Gerais, e sobre a aglutinação intelectual que se fazia em Belo Horizonte, na qual Drummond estava presente junto a outros como Cyro dos Anjos e Pedro Nava.

Em um segundo momento a autora explora melhor a relação entre Carlos Drummond e Mário de Andrade. Com base em correspondências trocadas entre ambos ela argumenta que as cartas entre eles começaram a serem trocadas nos anos 1920, quando Mário vai a Minas Gerais. Em algumas cartas Mário fala para Drummond abandonar os modelos franceses (lembrando que Drummond, nos anos 1930 era um grande leitor de Anatole France, que havia influenciado em grande medida sua poesia daquele momento) e buscar referências na literatura brasileira. A autora diz que a luta de Mário era para que Carlos entrasse em contato com as pessoas simples, com o povo, para que mais tarde pudesse compor uma alma nacional, expressando-a na

⁵⁶ ROCHA, Patrícia de Lucas Caldeira. **Tensões e contradições em Drummond: a poesia social em *A rosa do povo***. Dissertação (Mestrado em Letras). Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2011.

literatura. Destarte, Mario assume a posição de mestre de Carlos, a conduzi-lo pelo caminho intelectual, a colocá-lo na estética modernista, argumenta Patrícia.

A autora faz uma contextualização dos anos 1940 no mundo e no Brasil. Embora essa parte do texto seja demasiado holística, isto é, seja panorâmica, perpassasse eventos gerais, ela destaca alguns elementos importantes acerca do cenário político e cultural brasileiro. Ela cita por exemplo a criação de revistas destinadas a fazer propaganda do regime varguista. Algumas delas como: “Cultura Política”, “Ciência política”, “Estudos e conferencias”. Ela destaca o papel fundamental da *A cultura política* que era oficial, vinculada diretamente ao DIP. Essa revista Circula de 1941 a 1945. Em 1942, continua Patrícia, é fundada a Associação Brasileira de Escritores (ABDE), no Rio de Janeiro, formada por escritores democratas que buscavam liberdade de expressão. Alguns deles são: Sergio Buarque, Sergio Milliet, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Mario, Oswald, Erico Verissimo.

Também imbuída das reflexões feitas por Antonio Candido em “Inquietudes da poesia de Drummond” Patrícia Caldeira defende que a literatura e a arte devem sempre serem pensadas em um contexto maior. Drummond, segundo ela, pretende ser, descrever, representar os homens comuns. Sua análise escapa aos heróis. As “Inquietudes de Drummond” são inquietudes diante do mundo que o cerca. O poeta denuncia o mundo caduco que o cerca, e decide não compactuar com ele, narra Patrícia. A partir de *Sentimento do mundo* o poeta dá as mãos com o povo, e pretende seguir junto com ele. Para a autora Drummond agiu em favor das massas sem perder o rigor formal artístico, sem ser panfletário.

Ao analisar alguns poemas para investigar a participação do poeta, seu engajamento, a autora defendem que Carlos Drummond de Andrade “escolheu” participar socialmente por meio de suas poesias. Ela reforça ainda que poemas como “Consideração do Poema” e “Procura da poesia” destoam da essência da obra, justamente por não terem esse caráter. Por conseguinte, se quisermos levantar um ponto de conflito entre algumas narrativas já discorridas, poderíamos lembrar o argumento de Fernando Braga Franco Talarico. Sua proposta é justamente de encontrar nos metapoemas de *A rosa do povo* aspectos políticos, sociais, e históricos que não são inteligíveis sem o investimento na sua pluralidade e complexidade temático-formal. Cristiano Augusto da Silva Jutgla defende algo semelhante. Para ele, é necessário resgatar poemas que foram deixados parcialmente de lado pela fortuna crítica drummondiana, para então compreender melhor a obra como um todo, que simboliza a resistência lírica do sujeito frente ao autoritarismo. Patrícia, por sua vez, defende que os poemas de *A rosa do povo* foram escritos ao longo de três anos, o que permitiria ao poeta mudar de foco, de um poema para outro. Ela

considera os dois primeiros poemas da coletânea como profundamente distanciados do engajamento social, se constituindo, portanto, em puro lirismo.

Um aspecto deveras positivo da investigação de Patrícia é o subsídio de fontes variadas, a exemplo de cartas, revistas, jornais, biografias, outros textos de Drummond. Malgrado, como foi indicado anteriormente, a autora descreva brevemente alguns fenômenos históricos, nós consideramos que sua investida possui consistência metodológica, e se relaciona perfeitamente com sua proposta investigativa.

4.2 “A rosa do povo e a poética da luta de classes”⁵⁷

A presente Dissertação de Mestrado tem como método e horizonte analisar a poética assumidamente comprometida de Drummond como o momento mais intenso de seu regime estético da arte, considerando antes de tudo o poema “A flor e a náusea” de *A Rosa do Povo* como foco principal porque, para a autora, ele inscreve o inconsciente político de uma linguagem poética baseada em um princípio de esperança, buscada na flor, ao qual é chamada de utópico. Para ela só se alcança, torna-se visível (a flor), se o poema não for representativo da partilha do sensível realmente existente, negando-a por meio da náusea. Para construir seu argumento Luciana dialoga com vários autores, a saber: Ernest Bloch, Frederic Jameson, Nietzsche, Rancière e Raymond Williams. A partir dessas leituras ela acredita a poética drummondiana, sobretudo a da coletânea de 1945, possui um inconsciente político, inserto no regime estético da arte que nos possibilita empreender uma luta de classe poética, com base nos postulados do Marxismo, de Karl Marx e Friedrich Engels, em *Ideologia Alemã* (2007), contra a ideologia das classes dominantes, inclusive, a da crítica literária e da poesia.

Dentro das primeiras análises a autora já destaca que a obra de 1945 de Drummond precisa ser compreendida imersa no contexto intelectual e filosófico dos anos 1940. Neste momento, a filosofia existencialista, o marxismo e a psicanálise procuravam dar respostas para o ser no mundo. Como não podia deixar de ser, o poeta brasileiro sofre esse influxo, e por sua vez, o representa em seus poemas.

Uma perspectiva teórica que perpassa a dissertação de Luciana é a de que não há fases estritamente delimitadas dentro da poética Drummondiana, ou seja, *A rosa do povo* não é

⁵⁷ NASCIMENTO, Luciana Rodrigues do. **A rosa do povo e a poética da luta de classes**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

eminentemente um livro político, assim como *Alguma poesia* (de 1930) não é em suma um livro despojado, irônico, lúdico, fruto da primeira geração modernista, bem como *Claro Enigma* (1951) não é metafísico somente. Para ela os temas perpassam a obra como um todo, indo e vindo, de modo que não se prendem a momentos e períodos estanques. Para ela a preocupação social, a relação entre homem e mundo sempre estiveram presentes na poesia drummondiana.

Por intermédio das reflexões de Jameson, Luciana argumenta que o inconsciente político de qualquer artefato cultural é a luta de classes, igualmente presente no regime ético, poético e estético da arte, com a diferença fundamental de que este último é o que assume a luta de classes sob o ponto de vista dos invisíveis da história monumental: os trabalhadores, os oprimidos e tudo que direta ou indiretamente lhes diz respeito. Ela faz duas ressalvas interessantes: a primeira é que a crítica de Drummond sempre foi feita pelos olhos de um burguês, aristocrata, ou seja, alguém que pertencia a uma classe abastada que procurava se imiscuir em meio ao povo. Segundo, que sua poética nunca perdeu o rigor formal, e, portanto, nunca foi panfletária.

Como foi feito em trabalhos anteriores, Luciana Rodrigues também investe no caráter utópico da “Rosa”. Através desse conceito constitui-se na obra uma esperança, que transcende a dicotomia entre capital e trabalho. Para Nascimento, o princípio de esperança da poética de Drummond, configura-se como regime estético da arte e se evidencia como expressão poética da visibilidade do campo social. A utopia drummondiana não é escapista como seria a de Thomas More (segundo Luciana). Para ela, Drummond consegue fugir ao escapismo utópico em *A Rosa do Povo*, dando visibilidade, por meio de vários poemas dessa coletânea, ao que está escondido: a flor – o povo oprimido, os sem vozes. Desse modo Drummond assume assim a contradição ou a dialética, enfim: ele nega o mundo, mas identifica nesse mesmo mundo que ele nega, forças capazes de mudá-lo.

Na sequência de seu estudo, Luciana destaca alguns poemas – *Cidade prevista*, *Carta a Stalingrado*, *Telegrama de Moscou*, *Visão de 1944*, *Com o Russo em Berlim* – com o objetivo de enfatizar que Drummond não é um escapista utópico, e que sua flor se insere no inconsciente político do regime estético da arte. Com isso ela reforça sua defesa de que arte e política são versos de uma mesma moeda, inserindo-se naquilo que Rancière conceituou como regime estético da arte. Para a autora é possível perceber na obra de 1945 um princípio revolucionário de transformação da realidade material.

No capítulo 2, Luciana Rodrigues do Nascimento propõe uma inversão do conceito de niilismo passivo de Friedrich Nietzsche. Segundo a autora, Nietzsche dedicara o niilismo passivo aos pobres e o niilismo ativo aos burgueses. Por isso, Luciana utiliza a ideia de niilismo ativo para se referir ao povo. Segundo ela, *A Rosa do povo* permite entender os pobres e o

grosso da população como ativas, resistentes, potencializadas. Entretanto, precisamos fazer algumas notas críticas a essa posição.

Na filosofia nietzscheana superior ou inferior não está associado a classe social, como para Marx, mas à libertação dos valores e ética cristã, que deteriora a vida, seja de um cristão abastado ou pobre. Nesse sentido há uma incongruência: o niilismo passivo de Nietzsche se refere aos cristãos, independentemente de suas classes sociais (Nietzsche nem usa esse conceito). Portanto, burgueses e proletários podem ser corolários de uma ética inferior, que é a judaico-cristã. Outro ponto que a autora levanta, e que nós consideramos equivocado é a justificativa do “pensamento aristocrático” do filósofo alemão. Para ela, Nietzsche articulou sua filosofia dessa maneira (segundo ela, prenhe de preconceitos contra os pobres) por ser aristocrata, ou seja, valorizou aquilo que apeteceria sua classe. Assim sendo, como Drummond, que fora um aristocrata poderia entender e defender os pobres? Ela acaba se contradizendo. A Análise se torna muito centrada na dicotomia existente entre classe operária e classe dominante expressa na *Ideologia Alemã* e com isso fechada em demasia. Ela se prende a uma ideia de cultura como fruto da classe dominante e como instrumento ideológico de representação e dominação dos pobres. Ademais a autora faz uma aproximação mecânica entre classes dominantes e o conceito de “vontade de potência” de Nietzsche. Lembremos, que o enfrentamento de Nietzsche é cultural, religioso, moral e não econômico.

No terceiro capítulo Luciana busca o elemento trágico, a partir da leitura de Raymond Willians. Ela faz uma historicização da tragédia, para chegar à modernidade. Divergindo de Benjamin, ela aponta que a tragédia não é um fenômeno exclusivo do mundo clássico antigo. Na definição de Willians trazida por Luciana, está a ideia de que o trágico é o resultado das instituições, convenções e experiências nas quais e das quais vivemos e para as quais e através das quais nos orientamos para habitar o mundo, na relação com os demais. A Tragédia para Willians deve ser concebida como um organismo em constante mutação, até mesmo porque as instituições e suas consequentes convenções também estão em constante processo de transformação.

Outrossim, para Raymond, houvera no século XIX dois modelos importantes de trágico: o naturalismo que possuía intrínseca relação com o determinismo científico, ficando ao sujeito a imobilidade, ou seja, nada podia fazer além de se conformar, sofrer passivamente, porque jamais pudera mudar o mundo. A segunda, por sua vez, a romântica, era irracional, subjetiva, individual e por isso mesmo desacreditava do lado social e coletivo da ação humana, pois partia da premissa de que o sujeito era tudo, no amor, na arte, na vida. Luciana argumenta que:

“A tragédia, assim, é o próprio niilismo passivo e este existe sempre que experimentamos as convenções e instituições como se fossem naturais, sem negá-las ou combatê-las. O niilismo passivo parte de um princípio a-histórico – não há o que fazer, portando exemplificativo daquilo que Carlos Drummond de Andrade chamou de não-importismo diante do mundo absurdo, enclausurado na reificação do e no cotidiano.”⁵⁸

Acerca do poema *Áporo* a autora destaca que tal poema apresenta um inseto insignificante, que pode ser visto como uma representação dos indivíduos também insignificantes, senão invisíveis da sociedade, que assim como o *áporo* são legados à escuridão, a cavar, trabalhar, buscar caminhos possíveis na desordem planetária, sempre reificada pelo capitalismo, no entanto sem achar uma saída, presos numa vida aporética. Em *Mas viveremos* ela enfatiza que esse poema é para o eu lírico drummondiano aquele tão conhecido chamado marxista “Trabalhadores, uni-vos”: uma conclamação aos trabalhadores do mundo, que lhes ensinava a saber esperar, combater, calar, desprezar e ter amor. Após essas análises ela conclui dizendo que o princípio de esperança contido nos poemas de *A Rosa do Povo* assinala o possível caminho no qual a pior pedra será sempre o conformismo do Ser em face à tragédia do mundo moderno.

4.3 “O poeta e a revolução: Drummond e o comunismo internacional (anos 1930-1940)”⁵⁹

Marco Marcelo Bortoloti nesta tese de doutorado de 395 páginas mostra qual foi o percurso ideológico percorrido por Carlos Drummond de Andrade entre 1930 e 1940. Bortoloti acredita que a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) influenciou a poética de Drummond muito mais do que a Segunda Guerra Mundial. Ao longo da pesquisa o autor mostra que as produções de Drummond desse período vieram a lume em um momento onde o comunismo se apresentava como alternativa viável ao capitalismo e às democracias liberais. Destarte, Drummond fazia parte de um corpo maior de escritores ao redor do mundo que esboçavam essas quimeras, e inclinações ideológicas à esquerda marxista. Na tentativa de definir Drummond dentro de um espectro político fechado o autor destaca que o poeta não se filiou a um partido político mas que

⁵⁸ NASCIMENTO, Luciana Rodrigues do. **A rosa do povo e a poética da luta de classes**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. p. 117.

⁵⁹ BORTOLOTTI, Marco Marcelo. **O poeta e a revolução: Drummond e o comunismo internacional (anos 1930 e 1940)**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

acalentava ideias socialistas, simpatizou com o regime soviético num momento em que a Revolução Bolchevista de 1917 parecia uma alternativa viável e trabalhou para o jornal do Partido Comunista Brasileiro, sem contudo aderir a uma militância mais orgânica (embora nas linhas subsequentes de seu trabalho ele se contradiga, como se verá a seguir). Com isso, segundo ele, quiçá a melhor forma para defini-lo seja o termo “companheiro de viagem”, que identifica os escritores que convergiam para o comunismo, independente do seu grau de aderência.

Segundo Marco Marcelo Drummond tomou partido na luta, como fizeram os poetas republicanos na Espanha, e não era apenas uma posição antinazista. Ele estava com o russo em Berlim, enviando telegramas para Moscou, cantando a vitória de Stalingrado. É sintomático, aponta Marco, que apenas os avanços soviéticos da Segunda Guerra tenham sido tema de seus versos, num conflito com episódios tão memoráveis como a libertação de Paris pelos Aliados, com apoio americano, ou a retomada de Roma, com a participação britânica. O autor argumenta que na poesia de Drummond que vai de 1935 a 1945, são incorporados conceitos comunistas de pátria sem fronteiras, união entre os homens, injustiça social, alienação pela sociedade de consumo e crença num amanhã melhor. Seus versos têm proximidade com a produção de poetas de esquerda como os chilenos Pablo Neruda e Vicente Huidobro, os espanhóis Miguel Hernandez, Rafael Alberti e Vicente Aleixandre, os franceses Paul Éluard e Louis Aragon, o russo Vladimir Maiakovski, o argentino Raúl Gonzáles Tuñón, o cubano Nicolás Guillén e boa parte dos poetas do neorrealismo português, como Joaquim Namorado e Mário Dionísio.

A Guerra Civil Espanhola foi a última guerra utópica. Ali se confrontaram os exércitos fascistas liderados pelo general Franco, apoiado pelos fascistas italianos e nazistas alemães contra o exército republicano, apoiado pela União Soviética e pelo governo revolucionário do México. A utopia que envolvia tal evento era a de que seria possível instaurar um regime decerto socialista. Foi uma luta por ideais universalistas, pela justiça, igualdade, que cativou grandes pensadores e escritores ocidentais, motivo pelo qual ficou conhecida como “guerra dos poetas”. No Brasil, a Igreja Católica se mostrava imensamente refratária aos acontecimentos da Espanha, onde anarquistas e comunistas destruíam igrejas aos montes.

Em uma carta enviada a Cyro dos Anjos Drummond demonstra seu sentimento de inutilidade, já que vivia dentro da burocracia escrevendo e não podia ir para a frente de batalha na Espanha. Ele enfatiza o sentido social que a poesia deve assumir, embora não tenha feito nada ainda a esse respeito.⁶⁰ O mesmo movimento em direção a uma poesia social e combativa

⁶⁰ BORTOLOTTI, Marco Marcelo. **O poeta e a revolução: Drummond e o comunismo internacional (anos 1930 e 1940)**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. p. 35.

é feito por Pablo Neruda, afirma Marco Marcelo. A defesa do autor é de que a Guerra Espanhola desempenhou um papel na ativação de um sentimento antifascista em Drummond, que foi, o ponto de origem de sua poesia social e de guerra. Um poema que evidencia isso, mas que não foi publicado em livro é “Depois que Barcelona cair”⁶¹, escrito em 1938, mas publicado no jornal comunista *Tribuna Popular* em 17 de junho de 1945. É, segundo Bortoloti é o primeiro poema de guerra escrito por Drummond. A mesma belicosidade está presente no poema “Poema aéreo a Pablo Neruda”⁶² (publicado na revista “Chile”, em 1945), também inédito em livro.

O movimento estético conhecido como “Neorrealismo português”, gestado no mesmo período em questão, no qual Portugal passava por uma ditadura semelhante a do Brasil, isto é, o Salazarismo, ou o Estado Novo português também influencia Drummond, e produz textos com teor semelhante ao do poeta brasileiro. Os escritores neorrealistas, segundo Marco Marcelo, também foram influenciados pela ideologia socialista, e compartilharam seus sentimentos a causa de Espanha. Ademais, os escritores desse contexto eram principalmente antifascistas, o que explica o enveredar pelo socialismo, que era naquele momento o melhor modo de enfrentar o fascismo no mundo.

Através de uma pesquisa muito interessante a respeito dos livros e da leitura, com uma atitude propriamente historiográfica, o autor levanta dois pontos relevantes: primeiro, mostra como no decorrer da década de 1930 o Brasil passa a ser inundado por uma bibliografia marxista. Em Segundo lugar ele demonstra com números e tabelas como a biblioteca de Drummond foi se alterando, ao longo dos anos, indo de uma predominância bibliográfica francesa a uma dominância portuguesa e espanhola. Com isso o autor supõe que o poeta estava conectado com as discussões literárias que envolviam a guerra na Espanha.

No capítulo seguinte Bortoloti conceitua o livro *Alguma poesia* no cenário político dos anos 1930. Ele afirma que alguns intelectuais mineiros, incluindo Drummond se engajaram na Revolução de 1930 com anseios de seguir carreira na política, caso as letras não dessem certo. Estes jovens intelectuais mineiros começaram a se aproximar do poder graças à Revolução de 1930, movimento ao qual Drummond se vinculou de forma ativa, tendo todas as possibilidades de ingressar também na carreira política, não tivesse encontrado na literatura seu principal campo de ação. Não obstante, *Alguma poesia*, segundo Marco Marcelo, não reverbera as questões políticas do momento.

⁶¹ Ibidem, p. 374-375.

⁶² Ibidem, p. 368-370.

Acerca da questão ideológica que compunha o Ministério da Educação, Bortoloti assegura que o espectro político era muito amplo. Nesse sentido, propõe que não olhemos com concepções apriorísticas, mal analisadas. Ele afirma:

“Trabalhar para o governo não significava pertencer necessariamente a uma linha ideológica específica. Capanema se cercou tanto de intelectuais mais ligados à esquerda, a exemplo do próprio Drummond, de Manuel Bandeira e Cândido Portinari, como de integralistas notórios, Thiers Martins Moreira e San Tiago Dantas, por exemplo.”⁶³

Marco Marcelo considera o ano de 1935 como ponto de virada ideológica de Drummond. Ele diz que este foi o primeiro ano do poeta no Rio de Janeiro, capital da República, onde pôde conviver diretamente com uma roda mais ampla de escritores. Foi também o ano da Revolta Comunista, da qual participaram muitos intelectuais e que fez o governo formalizar uma postura ideológica contrária ao movimento – que já havia em seu interior, mas que a partir daí ficaria explícita. E, no plano externo, foi também o período da agitação política na Espanha que antecedeu o início da Guerra Civil espanhola. A produção poética desse momento, salienta Bortoloti, formula-se a partir de uma preocupação ora com os problemas individuais, ora com os problemas sociais, num ambiente em que o “eu” é uma espécie de pecado poético inevitável, em que o autor precisa incorrer para criar, mas que o horroriza à medida que atrai. O autor aposta que as influências para a poesia social de Drummond vieram de fora, logo, para ele, a poesia social que Drummond produziu a partir de 1935 era tão revolucionária quanto a poesia que surgiu ao redor da Guerra na Espanha ou da Revolução Russa.

O livro *José*, segundo Marco Marcelo, publicado em 1942, carrega um acento muito mais melancólico que *Sentimento do mundo*. Não o mesmo otimismo que transparece em poemas como “Mãos dadas”, “Mundo grande” ou na parte final de “A noite dissolve os homens” (poemas que pertencem a coletânea *Sentimento do mundo*). Foi escrito entre 1940 e 1942, e seu estado de espírito se assemelha àquele que envolveu os poetas europeus e americanos na época. Uma melancolia advinda não do estalar da Segunda Guerra Mundial, mas das derrotas políticas e ideológicas sofridas no período imediatamente anterior. O José a que o poeta se dirige, uma espécie de heterônimo dele próprio, experimenta a solidão e uma absoluta falta de perspectiva e esperança, num cenário onde não parece haver o amanhã. Na interpretação de Marco Bortoloti o poeta pode ter se inspirado no drama que vivia a sociedade de maneira

⁶³ Ibidem, p. 67.

geral, e os comunistas em particular, naquele princípio de guerra mundial para elaborar o seu personagem sem rumo nem destino certo.

Em *A rosa do povo* o otimismo e a belicosidade de alguns poemas de *Sentimento do mundo* retornam de maneira muito mais expansiva neste livro, que expõe de forma clara a posição política e ideológica do autor, defende Marco Marcelo. Ele afirma claramente que este livro expressa ideias socializantes e marxistas, cujas características se adequam perfeitamente às das obras do gênero levantadas por Edgar Carone. Drummond, segundo o autor, absorve a influência de autores como do russo Vladmir Maiakovisky, do chileno Pablo Neruda, e dos poetas comunistas que lutaram na Espanha e dos escritores que continuavam produzindo peças de resistência na França ocupada. Como destacado em trabalhos anteriores, o presente também destaca que a defesa que Carlos Drummond fazia era a de uma poesia que pudesse contribuir para a causa do povo, mas que nem por isso deixasse de ser uma obra de arte com todas as sutilezas que lhe são necessárias.

Há dois problemas até aqui. Primeiro, será mesmo que a postura de Drummond era tão clara assim? Será mesmo que ele defendia arduamente os ideais socialistas e mantinha relações com autores tão distantes, e que escrevia como eles? Em segundo lugar, o autor defende que a poesia de Drummond desse período era engajada, socialista, mas ao mesmo tempo requintada, complexa, rebuscada. Ora, essa característica já a diverge em todos os sentidos da poesia de Maiakovski por exemplo, ou de Pablo Neruda, que foram autores comunistas, que escreviam poemas diretos, abertos, eminentemente políticos. Nesse sentido, seria impossível enquadrar Drummond dentro da categoria “poeta socialista”.

“Carta à Stalingrado”, escrito provavelmente no final de 1942, divulgado na imprensa pela primeira vez em junho de 1943, inaugura, segundo o autor, uma nova postura de Drummond frente à guerra. Sua poesia deixa de lado a melancolia que se sobressai no livro *José*, para assumir um tom mais confiante, engajado e assumidamente bélico, que será a marca de *A rosa do povo*. O autor defende com todas as letras que *A rosa do povo*, é uma obra inapelavelmente comunista, pelo menos se o foco recair sobre os poemas mais ideológicos. De todos os poemas do livro, o que para ele é o mais sintomaticamente comunista é aquele que foi dedicado ao fim da Terceira Internacional, e recebeu o título final de “Mas viveremos”. Segundo Marco Marcelo, nesse poema Drummond canta a Internacional Comunista, órgão com base na União Soviética que orientava os partidos comunistas pelo mundo, e foi extinto por Stálin em 1943. E o faz como um militante desgarrado, que perdeu seu Norte.

Em seguida o autor analisa o livro “Novos poemas”, publicado em 1948. Segundo ele esse livro é uma obra de transição, com poemas já vinculados a uma fase mais metafísica que

o poeta inauguraria alguns anos depois, com o livro *Claro enigma*. Marco Marcelo diz que em *Novos poemas* o poeta já começa a apresentar uma mudança de estilo que coincide temporalmente com seu rompimento com a “militância comunista”.⁶⁴ Destarte, a pergunta a se fazer seria: quando o poeta Carlos Drummond de Andrade foi militante comunista? O texto de Bortoloti é quicá o mais abrangente em termos de fontes, bibliografia, escopo analítico internacionalmente, entretanto, seu objetivo de enquadrar de qualquer maneira, a todo custo a poesia e perspectiva ideológica de Drummond dentro de um viés comunista, militante, ativo, que se articulava com os comunistas internacionais é, sem dúvida alguma, demasiado forçosa. Fora o fato de ele mesmo ter descrito no início do trabalho que não era fácil definir o perfil ideológico do poeta.

Em 1944, a fama de Drummond como poeta social já tinha corrido. Ele era chamado a dar palestras ou escrever artigos sobre o tema, intimamente ligado à produção literária comunista. A atividade não era vista como subversiva dentro de um governo que agora lutava ao lado da Rússia. O autor traz a definição de Drummond sobre o que seria uma poesia social. Drummond observava que poesia social é aquela que se dirige preferencialmente a uma classe social, ou que dela tira seus elementos de criação. Em outras palavras, uma poesia não dirigida ao indivíduo, mas ao grupo do qual ele participa, e inspirada na existência coletiva, e não na individual. Segundo o autor:

“Drummond acreditava numa poesia de caráter universal, que pudesse unir os trabalhadores do mundo todo, tal qual os propósitos da Terceira Internacional. Mas tinha em mente que esta poesia deveria surgir do povo, fruto da própria emancipação das massas, e não através de uma interpretação de intelectuais da elite sobre os anseios da classe trabalhadora. No Brasil, ele via na figura do negro liberto da opressão escravocrata, na história da colonização mineira que se baseou também na escravidão como sustentação econômica, ou na participação dos soldados brasileiros na II Guerra Mundial, temas a se explorar para a produção desta poesia universalista. Ela deveria ter a forma épica, gênero supostamente de maior alcance popular.”⁶⁵

Nas linhas seguintes há grandes explorações da aproximação feita por Drummond em direção ao partido comunista brasileiro. No entanto, nos anos 1950 há um rompimento. Bortoloti afirma que para Drummond, o período que vai do final da Segunda Guerra até o início da década de 1950 foi um momento de virada, no qual ele abandonou o seu “namoro” com o Partido Comunista para tornar-se um fervoroso adversário do grupo. Ele afirma que sua poesia desincorporou os problemas do tempo presente e a causa revolucionária que animava os versos

⁶⁴ Ibidem, p. 227.

⁶⁵ Ibidem, p. 247.

de *A rosa do povo*, para voltar-se a temas intimistas e mais metafísicos. No plano prático, o intelectual manteve o mesmo engajamento político, com a diferença única de que mudou de lado na luta. Sua posição anticomunista começou na Associação Brasileira de Escritores e culminou na adesão à campanha presidencial do sucessor escolhido por Dutra, Cristiano Machado.

Em suma, ao analisar a obra e a trajetória de Carlos Drummond de Andrade, Marco Marcelo Bortoloti defende que Drummond não foi um poeta apenas engajado nem um autor eternamente angustiado com sua posição no mundo, como costuma descrever certa parte da crítica literária. Segundo o autor ele transitou entre as duas esferas, ora agindo e escrevendo dentro de uma mesma corrente, ora negando em sua biografia o teor dos versos que perpetrava. O poeta foi sensível à influência do comunismo internacional quando este se firmou como um norte para os escritores do Ocidente, da mesma forma com que fez valer suas opiniões políticas posteriormente contrárias a este credo, ou respeitou, quando necessário, as conveniências da política ao trabalhar para um governo ditatorial comandado por seus amigos de juventude. O autor finaliza, dizendo que em nenhum momento, entretanto, Drummond sacrificou sua poesia em nome de uma causa que fosse externa às suas convicções políticas. A posição do poeta flutuou de acordo com correntes que vinham de fora, mas que lhe tocaram intimamente como cidadão e artista.

5. CONCLUSÃO

Ao longo das breves páginas que se seguiram buscamos fazer uma reflexão sobre a vasta e profícua produção acadêmica e literária existente sobre a mais ativa, adulada e memorável obra escrita pelo poeta Carlos Drummond de Andrade: *A rosa do povo*. Como pudemos perceber, os eixos temáticos escolhidos pelos autores para enfrentar essa tarefa árdua de interpretar o livro – notoriamente hermético, complexo, de uma erudição formal e estética singular – foram dos mais variados possíveis, o que por sua parte já evidencia o caráter plural dos poemas que compõem a coletânea escrita por Drummond.

No primeiro capítulo nossa proposta foi tecer algumas reflexões sobre o tema do autoritarismo e da resistência lírica. Para isso elencamos quatro trabalhos acadêmicos que ressaltam essas características, dentre outras, na obra de Drummond. Com esse capítulo foi possível pensar que *A rosa do povo* é um livro que veio a lume em um momento de dificuldades, devido a censura e a repressão pelas quais passavam a sociedade brasileira. Quiçá por isso os elementos que evocam o autoritarismo vieram não só através de poemas eminentemente sociais, mas também através de poemas como “Morte do Leiteiro” e “Caso do vestido”, que não ressaltam diretamente a questão política, mas que trazem em seu escopo um caráter de resistência poética.

No segundo capítulo nossa proposta foi identificar como os autores destacaram ou deram relevância para o tema da Segunda Guerra Mundial dentro da obra de Drummond. Foram exploradas duas Dissertações. Nelas, embora fique latente a importância das guerras e dos conflitos bélicos do século XX para a poesia de Drummond, as análises são mais amplas, de modo que transcendam a esse único tema. A metapoesia é uma característica importante ressaltada pelo trabalho de Fernando Braga Franco Talarico e que dialoga com o tema da guerra.

No terceiro capítulo nosso olhar se voltou para aqueles trabalhos que deram maior ênfase ao tema da luta de classes e ao comunismo. Alguns deles tentaram demonstrar como Drummond estava conectado com as manifestações poéticas de esquerda no mundo, sobretudo no contexto da Guerra Civil Espanhola (texto de Marco Marcelo Bortoloti). Outros argumentaram que havia um flerte de Drummond com o comunismo, mas que ele nunca foi de fato comunista, e que nunca se envolveu em manifestações ou declarou ser comunista. Em suma, esses autores buscaram evidenciar o caráter sociopolítico da obra de 1945, e como Drummond participou, por meio de sua poesia desses temas sensíveis dos anos 1930 e 1940.

Ressaltamos a qualidade e o vigor que se encontram nos trabalhos analisados pela presente monografia. Grosso modo são textos que possuem uma densidade teórica e metodológica formidáveis. No geral os autores e autoras se propuseram a dialogar com filósofos como os frankfurtianos Adorno e Walter Benjamin, com críticos brasileiros como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Iumna Simon, e ainda com historiadores, como Hobsbawm e Nicolau Sevcenko. A preocupação com fontes primárias também é uma qualidade deveras importante, e todos buscam esse subsídio, e o consideram importante para entender o poeta e seu texto.

A nossa preocupação maior, enquanto historiadores, era perceber em que medida a História é evocada dentro de tais estudos, seja como “influenciadora” da obra ou como “influenciada” pela obra, dentro de uma perspectiva dialética. Sabemos que *A rosa do povo* é um livro de importância social e política, entretanto, como Carlos Drummond de Andrade constrói, por meio de recursos linguísticos e poéticos esse discurso social, através do qual ele se propõem ser um homem do povo, que quer constituir um futuro melhor, de mãos dadas com as classes subalternas e menos favorecidas do Brasil? Essa é uma das perguntas que nos inquietam e que de alguma maneira também fora manuseada pelos trabalhos que no conjunto, conformam o presente trabalho.

Mais do que julgar, enaltecer ou execrar os estudos por hora analisados, buscamos entender tais trabalhos dentro de suas propostas e possibilidades de investigação. É óbvio que não existem verdades absolutas que devam ser cunhadas ou epigrafadas sobre um único sentido e interpretação possível do poeta e sua obra. Estamos satisfeitos por poder penetrar em uma área que historicamente não fora habitada por historiadores, mas que no tempo presente se torna cada vez mais ampla e relevante para as reflexões historiográficas. Apostamos, portanto, no diálogo entre a Literatura, juntamente com a crítica literária e as reflexões que essa área nos lega e muito nos agrega, a uma reflexão propriamente historiográfica, a partir de perguntas, questões, problematizações e metodologia que provenham do campo da história.

6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- _____. **Carlos e Mario**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inérita) e Mario de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- _____. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Guilar S.A, 2006.
- BARBOSA, Ana Lúcia Costa. **Faces da poesia de Drummond**: a modernidade e a guerra. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- BORTOLOTTI, Marco Marcelo. **O poeta e a revolução: Drummond e o comunismo internacional (anos 1930 e 1940)**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo. Cultrix, 1983.
- CANDIDO, Antonio. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1977.
- FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FAGERLANDE, João Pedro. **Desafiando o “caso do vestido”**: um poema Drummondiano. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- _____. **Reflexões em torno de Populismo e Trabalhismo**. Varia História, nº 28. Dezembro, 2002.
- JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. **Lírica e autoritarismo em a Rosa do Povo de Carlos Drummond de Andrade** (tese de doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- NASCIMENTO, Luciana Rodrigues do. **A rosa do povo e a poética da luta de classes**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.
- OLIVEIRA, Marcelo Freitas Ferreira de. **Rosa aurilavrada**: figurações da utopia em *A Rosa do Povo*. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- ROCHA, Patrícia de Lucas Caldeira. **Tensões e contradições em Drummond**: a poesia social em *A rosa do povo*. Dissertação (Mestrado em Letras). Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2011.

SANTOS, Eliaquim José Teixeira. **Incerto movimento:** a resistência lírica em Rosa do povo, de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação. (Mestrado em Letras). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2012.

TALARICO, Fernando Braga Franco. **História e poesia:** texto e contexto em A rosa do povo (1943-1945), de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação. (Mestrado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

Velloso, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2, p. 145-179.